

UFMA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

JEANINE MARTINS ADLER TROVÃO

CARTOGRAFIA SOBRE A ASSEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DA COMUNIDADE
ASSEXUAL

SÃO LUIS

2018

Jeanine Martins Adler Trovão

**CARTOGRAFIA SOBRE A ASSEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DA
COMUNIDADE ASSEXUAL**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Design da Universidade Federal Do Maranhão, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Design.

Orientador (a): Professora Doutora Raquel Gomes Noronha.

São Luis
2018

CARTOGRAFIA SOBRE A ASSEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DA COMUNIDADE ASSEXUAL

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Design da Universidade Federal Do Maranhão, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Design.

Aprovado em ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Raquel Gomes Noronha

Prof. Ms. Marcio James Soares Guimaraes

Profa. Ms. Andréa Katiane Ferreira Costa

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Adler, Jeanine. CARTOGRAFIA SOBRE A ASSEXUALIDADE
NA PERSPECTIVA DA COMUNIDADE ASSEXUAL / Jeanine
Adler. - 2018.
67 f.

Orientador(a): Raquel Noronha.
Curso de Design, Universidade Federal do Maranhão, São
Luis, 2018.

1. Assexualidade. 2. Cartografia. 3. Design
Colaborativo. 4. Pensamento Complexo. I. Noronha,
Raquel. II. Título.

Dedico este trabalho à Comunidade Assexual, onde me encontrei e descobri não ser “errada” por ser eu mesma. Aos assexuais que já deram a cara a tapa para fazer algo pelos que estavam por se descobrir ainda, e aos que fazem o possível até hoje pelo nosso reconhecimento. Esse trabalho já deu frutos em seu percurso, e espero que o resultado seja algum retorno a quem fez parte dele, direta ou indiretamente, e a quem ainda farão parte desta família.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão principalmente para Alessandra Medina e Gustavo Cardoso, que me ajudaram a segurar as pontas tantas vezes enquanto as coisas pareciam prestes a desmoronar. Não sei o quão longe eu teria ido sem vocês, mas certamente, não iria com tanta paz quanto as que vocês fazem eu sentir sobre meu jeito.

À Paula Maia, meu mais sincero carinho a você pelos apoios e consultorias. Não teria chegado a esse nível de trabalho sem ter te perturbado tantas vezes sobre isso.

E agradeço à Professora Raquel por ter me ensinado tanto nesse tempo que estive no NIDA. Descobri coisas sobre meu potencial que antes eu nem imaginaria. Acredito que os alunos precisam de mais professores que os estimulem a dar o melhor de si, sem acabar com a saúde por isso. A Senhora é incrível, aspiro ser assim “quando eu crescer”.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever o percurso metodológico de uma pesquisa cartográfica sobre a comunidade assexual. A assexualidade, por ser uma orientação com muitas variantes, foi entendida como objeto que necessitava do raciocínio complexo para sua compreensão, e a cartografia foi vista como ferramenta para possível representação de tal complexidade, atentando ao fato de que a cartografia permite a representação de diversos níveis de informação, apresentando-os em diversas camadas. A metodologia de design colaborativo foi utilizada para a produção da cartografia final, levando em consideração as ideias e opiniões da comunidade para a seleção de elementos indispensáveis na definição e explicação da assexualidade, sem abrir mão da perspectiva de membros da mesma, que possuem maior vivência no assunto em questão. O tema foi escolhido com o intuito de trazer visibilidade à comunidade, tendo em vista que mesmo as orientações consideradas minorias tem suas reservas quanto a aceitação da assexualidade. A representação visual é uma forma de esclarecer o assunto, tornando mais fácil a compreensão de todo o contexto em que os indivíduos assexuais se encontram.

Palavras chave: Assexualidade. Cartografia. Design Colaborativo. Pensamento Complexo.

ABSTRACT

The present project intends to describe the methodological path of a cartographic research on the asexual community. The asexuality, as an orientation with many variants, was considered an object that needed the complex reasoning for its comprehension, and the cartography was chosen as a tool for a possible representation of such complexity, considering the fact that cartography allows the representation of several levels of information, presented in several layers. The collaborative design methodology was a way to produce the final cartography, having in mind the ideas and opinions of the community for the selection of indispensable elements in the definition and explanation of asexuality, without letting aside the perspective of members of the community itself, who have much more experience about the subject. The theme was chosen with the intention of bringing visibility to the community, considering that even the minority orientations have their reservations regarding the acceptance of asexuality. The visual representation is a way of clarifying the subject, making it easier to understand the whole context in which asexual individuals are.

Keywords: Assexuality. Cartography. Collaborative Design. Complex Thinking.

LISTA DE IMAGENS

<i>Figura 1 - Comentário em debate informal 1</i>	29
<i>Figura 2 - Comentário em debate informal 2</i>	31
<i>Figura 3 - Triângulo da Aven</i>	36
<i>Figura 4 - Bandeira da Assexualidade</i>	36
<i>Figura 5 - Bandeiras da Grayssexualidade e Demissexualidade</i>	37
<i>Figura 6 - Cartas de Ás</i>	38
<i>Figura 7 - O Bolo</i>	38
<i>Figura 8 - Anel Preto</i>	39
<i>Figura 9 - Resultado do Questionário Objetivo 1</i>	40
<i>Figura 10 - Resultado do Questionário Objetivo 2</i>	40
<i>Figura 11 - Transcrição da Entrevista Aberta</i>	41
<i>Figura 12 - Respostas do Questionário Aberto</i>	41
<i>Figura 13 - Comentários Impressos</i>	42
<i>Figura 14 - Mapa Mental 1</i>	43
<i>Figura 15 - Mapa Mental 2</i>	43
<i>Figura 16 - Web Comic Traduzida e Adaptada</i>	44
<i>Figura 17 - Moodboard 1</i>	45
<i>Figura 18 - Moodboard 2</i>	45
<i>Figura 19 - Comentários sobre "O que representa a assexualidade visualmente"</i>	46
<i>Figura 20 - Comentários sobre "O que representa a assexualidade visualmente" 2</i>	47
<i>Figura 21 - Primeiros Esboços</i>	50
<i>Figura 22 - Primeira Tentativa</i>	50
<i>Figura 23 - Esboços 2</i>	51
<i>Figura 24 - Tentativa 2</i>	51
<i>Figura 25 - Esboço e Tentativa 3</i>	52
<i>Figura 26 - Avanço das Alterações</i>	53
<i>Figura 27 - Avanço das Alterações 2</i>	54

<i>Figura 28 - Avanço das Alterações 3</i>	55
<i>Figura 29 - Avanço das Alterações 4</i>	56
<i>Figura 30 - Paleta de Cores</i>	56
<i>Figura 31 - Cartografia Pronta</i>	59

Lista de Tabelas

<i>Tabela 1 - Ferramentas e Objetivos do projeto</i>	19
--	----

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
2.	PERCURSO METODOLÓGICO	15
3.	ASPECTOS TEÓRICOS	20
3.1	Pensamento complexo	20
3.2	Cartografia	21
3.3	Elementos do Projeto Gráfico	25
4.	DESENVOLVIMENTO	27
4.1	Definições de Conceitos	27
4.2	Símbolos da Assexualidade	35
4.3	Observações Durante as Etapas de Pesquisa	39
4.4	Definindo a Cartografia	41
4.5	Elementos Teóricos para a Cartografia	47
4.6	Produção da Cartografia	49
4.7	Cartografia Concluída	58
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
	REFERÊNCIAS	62
	APÊNDICE A	64
	APÊNDICE B	65
	APÊNDICE C	66

1. INTRODUÇÃO

O mundo atual, regido pela globalização e por uma era de informação, com inúmeros dados sendo cruzados simultaneamente, é descrito por Rafael Cardoso (2012, p.25) como complexo. Tal complexidade é definida pelo autor como “um sistema composto de muitos elementos, camadas e estruturas, cujas inter-relações condicionam e redefinem continuamente o funcionamento do todo”. Tendo essa definição, deve-se considerar também que os indivíduos que fazem parte do mundo têm sua própria complexidade, em seus comportamentos, interações, particularidades, dentre outros fatores.

Ao longo da história a ciência trouxe o pensamento simplificador que tende à redução da realidade, como descrito por Morin (2005, p.13), que define a complexidade como “o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, terminações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico”. Sendo definida como algo que traz incerteza e desordem, a complexidade é de difícil compreensão, e assim o interesse na mesma diminui, haja vista da repulsão ao desconhecido e contraditório, não há o interesse generalizado na compreensão de todas as linhas que formam o tecido da complexidade, existindo no mundo uma lógica que de acordo com o autor, tende a fazer uma unificação abstrata enquanto suprime a diversidade, ou sobrepõe a diversidade enquanto não contempla a unidade. Dessa forma, mesmo em um mundo com tanto a se entender, ainda se opta por uma fragmentação que isola o objeto do que seria sua essência, seu contexto, ou ao que é geral, esquecendo as individualidades.

Mas as necessidades se transformam com o tempo, e aos poucos o objeto não se separa mais do seu contexto, se tornando importante o bastante para que começasse certa obrigatoriedade do mesmo quando se fala de passar informação com responsabilidade, e como apontado por Cardoso (2012), o design se empenha em objetivar, conceber e materializar ideias, sendo que através dessa materialização, possibilita traduzir visualmente os contextos nos quais se inserem tais informações. Uma metodologia que viabiliza o contato com as ideias, e a compreensão das mesmas de uma perspectiva participante é a cartografia, que consegue mapear diversas camadas de informação sem ignorar a importância individual de cada uma, mas hierarquizando de acordo com a relevância ao quadro geral. O método de pesquisa cartográfico conta com o mapeamento de informações adquiridas em campo, e sua metodologia se desenvolve de acordo com o meio que está sendo estudado. A cartografia organiza informações complexas de forma que haja fácil entendimento das mesmas, e que elas possam se conectar

facilmente, além de agrupar esses resultados visualmente. Segundo Simielli (1986) a cartografia se preocupa com o usuário, ou seja, com quem vai ter contato com o mapa; com a mensagem transmitida, que é o conteúdo em si; e com a competência da peça como recurso veículo de transmissão da informação.

No presente trabalho, será feito o estudo específico sobre a assexualidade, que é uma identidade sexual pouco conhecida em relação às outras, e um conceito relativamente novo. Erick Pires (2017), pesquisador da assexualidade e membro de um dos grupos virtuais que se dedicam ao debate do assunto, apresentou em certa publicação informal um resumo de um panorama histórico da visibilidade assexual, reiterando que a mesma só ocorreu de forma eficaz em 2001, com o surgimento da AVEN (Asexual Visibility Education Network), e ressaltou que “pessoas assexuais não conseguiam se mobilizar ou encontrar alguém igual eles antes da internet, então é possível entender o porquê apenas agora a assexualidade está sendo pesquisada”. Assim compreende-se a dificuldade de encontrar material científico para conceitos mais definitivos, estando ainda em deliberação e na busca por um consenso por parte da comunidade, que mostra certa dificuldade de assimilação quando confrontada com o dinamismo dos estudos, que criam termos novos com uma frequência alta, e alguns são transformados ou nem utilizados ao longo do tempo.

Pessoas com falta parcial, condicional ou completa de atração sexual se identificam como assexuais, e como a manifestação da atração acaba se dando de formas distintas, o termo “assexualidade” engloba diversos termos que são tidos como “sub-orientações”, sendo por muito tempo conhecida como um “termo guarda-chuva”. Há de se considerar que a chamada “área cinza” possui termos que explicam situações específicas onde pode existir a atração sexual, ou comportamentos específicos que assexuais podem ter, e a necessidade desses termos é mostrar às pessoas que existe a possibilidade de serem abraçadas pela comunidade, independentemente de preferências que podem ser de certa forma relacionadas ao ato sexual (como masturbação e contato com conteúdo pornográfico), se as mesmas não se identificarem com o comportamento normativo da sociedade em relação ao sexo e à atração sexual em si. Segundo Oliveira (2013), “a complexidade da assexualidade mostra a necessidade da realização de estudos que abarquem essa diversidade e que possam situar a assexualidade no campo mais amplo da sexualidade”. Os assexuais podem ser considerados minoria mesmo dentro da comunidade LGBTQ+, que representa a diversidade sexual, tendo em vista que mesmo com suas divergências, as outras orientações experienciam a atração sexual. A importância da informação nessa situação, é evitar que haja uma segregação da comunidade e a educação do

olhar sobre a diversidade sexual em todas as suas variações. Como descrito por Pires em um blog sobre sexualidade (Ssex Bbox), “Compreender que assexuais existem, é compreender sua emergente luta [...]”. Assim, é importante frisar as razões da busca de visibilidade do meio assexual, destacando-se que quando não são considerados inexistentes, costumam ser questionados sobre a necessidade de expor ou assumir sua identidade sexual.

O objetivo dessa pesquisa é utilizar o método de cartografia para entender, explicar e definir a assexualidade, tendo como base o ponto de vista de pessoas com vivência no tema, para que seja possível uma definição em conformidade com a atual percepção da comunidade, que ao longo dos anos ganha mais e mais visibilidade e pessoas. Através de métodos de codesign, a intenção nesse trabalho é encontrar os pontos de concordância nas definições do que é a assexualidade, e no perfil da própria comunidade, com a participação direta da mesma em decisões sobre o que é ou não representativo. Além de sistematizar o que foi aprendido para que a apresentação dessa definição seja de fácil assimilação a quem veja, e dessa forma, possibilitar através de material gráfico que se traga luz a um tema ainda pouco explorado no âmbito científico, dar visibilidade à assexualidade como orientação sexual, tanto para a comunidade LGBTQ+ como para a sociedade no geral, e tornar a mesma compreensível dando importância à sua complexidade e suas nuances, podendo assim desmistificar conceitos errôneos que ignoram a profundidade do tema e as necessidades individuais dos membros da comunidade.

O contato com a comunidade se utilizou de métodos adaptados da prática de Design Netnográfico, uma variação da etnografia que trabalha em campo virtual, e que é caracterizado por Souza Filho, Noronha e Santos (2007, p.6), como uma prática que “implica em sair do ambiente de trabalho e a vivenciar o que a antropologia chama de observação participante”. Ao se encontrar em âmbito virtual, a pesquisa necessitou ser adaptada à linguagem e às formas mais práticas de se dialogar com a comunidade, algumas vezes necessitando de métodos empíricos e informais, e a cartografia, como metodologia processual de design que se molda à pesquisa foi ideal ao se considerar esse cenário, já que a escassez de conteúdo acadêmico e científico na área traz certa indispensabilidade do contato com o objeto de pesquisa, e oportunizar possíveis intervenções do pesquisador. Com esse contato, há também a possibilidade da aplicação da metodologia de codesign. A participação da comunidade em todo o processo, e na concepção do resultado final é uma forma de trazer uma perspectiva de quem vive a realidade e entende o contexto com base em experiências próprias de vida. Não que isso vá deixar o trabalho mais fácil, ou que haverá consenso de ideias o tempo todo. Como descreve

Manzini (2014), o codesign é um processo onde pessoas diferentes com ideias e linguagem diferentes interagem e, às vezes, convergem em resultados comuns a todas as opiniões. Esse diálogo com suas divergências traz várias faces de uma mesma realidade, sendo todas relevantes para os indivíduos de alguma forma que não é para todos. Assim, a cartografia vem também como forma de representar essa diversidade de ideias e opiniões, trabalhando a complexidade descrita por Morin ao trazer mesmo as contradições como partes importantes para a construção do todo.

O recorte dessa pesquisa engloba principalmente jovens com faixa etária de 18 a 25 anos, sendo essas idades evidenciadas com base em dados do questionário objetivo, com quem tive a oportunidade de contato em uma comunidade virtual, através de entrevistas e questionários aplicados no meio virtual. Os participantes se identificam como assexuais, e os questionários com respostas majoritariamente objetivas tinham o objetivo de coletar informações que podem ser utilizadas para noções quantitativas. As entrevistas alcançaram um público menor, mas proporcionaram informações qualitativas que trouxeram parte da perspectiva de pessoas da comunidade assexual. Todos os participantes são brasileiros e com acesso à internet, em sua maioria estudantes, e todos possuem contato com o meio virtual de alguma forma, mesmo sem participação ativa em militâncias ou na comunidade.

A organização visual das informações permitirá sua organização de forma mais clara, trabalhando hierarquizações das informações através de elementos da comunicação visual contemporânea, como os apresentados por Lupton (2008). Dentre esses elementos podem-se destacar as cores, tonalidades, posicionamentos, e também a utilização de camadas para a apresentação de conceitos, tendo em vista a observação da autora sobre a utilização de camadas sobrepostas em mapas para a apresentação de diferentes níveis de prioridade de compreensão, de forma que permite a contribuição das mesmas com o todo, ainda que conservem as identidades próprias. Nas aplicações tipográficas, será empregado o uso de texturas, diferentes pesos e *grids* para a organização condizente com os níveis de informação.

Fazer uma peça gráfica traz como vantagem a possibilidade de divulgação em meios virtuais, onde há maior alcance para a comunidade, e para as pessoas interessadas em entender mais sobre a assexualidade. Dessa forma, espera-se que a apresentação possa trazer visibilidade à comunidade assexual e a compreensão da sociedade da assexualidade como sendo uma orientação, não tão diferente das outras.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Tendo o intuito de entender, definir e poder explicar a assexualidade, foi visto como imprescindível a participação na comunidade, não restringindo o papel da pesquisa somente à observação, como também à participação de discussões no meio virtual. Como descrito por Passos e Barros (2009), a cartografia como método de pesquisa-intervenção acompanha os efeitos quem vêm como consequência da participação do pesquisador no campo, e a interação permite resultados vindo de uma experiência coletiva, nesse caso do designer/pesquisador com a comunidade assexual.

Além disso, essa participação possibilita a dissolução do ponto de vista do observador (Passos e Eirado, 2009). Essa dissolução, de acordo com os autores, é proveniente da experiência, não se limitando ao papel de observador, e ao mesmo tempo sem anular a observação, e ao dissolver seu ponto de vista que se guia a ação. Dessa forma os resultados virão da experiência e das impressões obtidas na participação na comunidade, entrando em possíveis discussões para que haja troca de informações e experiências que podem resultar em novas perspectivas obtidas em conjunto.

O campo de pesquisa principal foi o ambiente virtual. Mesmo as interações presenciais só se tornaram possíveis pelos grupos de assexuais que são encontrados em redes sociais, onde há a opção de redirecionamento a grupos de cada estado do Brasil, o que torna possível encontrar essas pessoas que se identificam como membros da comunidade. Em sua maior parte, a pesquisa se deu de modo empírico, com referências coletadas de forma experimental com base na impressão da participação de discussões abertas em grupos, sendo alguns deles ligados à militância Assexual e LGBT. Houve debates informais que possibilitaram a percepção de insatisfações da comunidade, e das informações menos acessíveis à maioria, constatados por dúvidas frequentes apresentadas.

Como ressaltado por Barros e Kastrup (2009), a pesquisa de cartografia fundamenta-se em acompanhar processos, e não representar objetos. Nesse caso, os processos são as interações dentro da comunidade, apresentadas em forma de discussões que ocasionaram em impressões sobre temas em maior destaque que poderiam ser abordados no curso do levantamento. A participação no campo tornou possível a elaboração de ferramentas que permitiram a continuidade da pesquisa para a obtenção de noções quantitativas que serviram

para o enriquecimento do mapeamento, adicionando fatores relevantes ao resultado final, como informações quantitativas e opiniões particulares de indivíduos que atuam na militância e possuem certo destaque no meio assexual.

Dentre as ferramentas foi elaborado um questionário virtual que possuía questões definidas como necessárias a pesquisas de mapeamento, com perguntas relativas por exemplo à idade e estado onde o indivíduo reside, e questões frequentemente abordadas nos grupos e páginas sobre assexualidade em comunidades virtuais, como as orientações com as quais os indivíduos se identificavam, e suas definições próprias do que seria a assexualidade. Um fato a ser destacado foi o emprego da linguagem neutra nos questionários, ou seja, não fazer concordância das palavras em gênero. No português, a linguagem neutra é difícil de ser aplicada em relação a outros idiomas, como o inglês, já que a maioria dos adjetivos precisam concordar em gênero com o sujeito, o que exclui pessoas que se identificam como não-binárias. Dessa forma, pessoas que participam das militâncias fazem alterações nas palavras, trocando, por exemplo, as letras “a” e “o” no final pela letra “e”, e assim produz neologias de concordância neutra. Além disso, tentar ao máximo usar palavras que não precise concordar com gênero, trocando palavras como “ela” e “ele” por “a pessoa”, por exemplo. Como o uso dessas neologias para linguagem neutra foi notado como frequente nas redes sociais, optou-se por sua utilização no questionário.

Os resultados do questionário foram impressos e analisados. Palavras similares e utilizadas com frequência foram grifadas para destacar ideias em comum, e as informações quantitativas serviram para nortear as próximas etapas da metodologia, por exemplo, por se tratar de um grupo com uma maioria jovem, seria melhor fazer perguntas de maneira informal para que se abrissem mais ao diálogo. Alguns gráficos foram gerados automaticamente pela plataforma do questionário, e por eles foi mais fácil visualizar as quantidades relevantes.

Também, com base em questões frequentemente abordadas nas redes sociais, foram feitas entrevistas abertas que permitiam opiniões pessoais dos entrevistados, dando liberdade também para que fossem feitas observações sobre assuntos considerados relevantes pelos mesmos. Algumas entrevistas foram feitas presencialmente, e outras virtualmente, para que houvesse diversificação dos contextos em que os sujeitos estavam inseridos. Nessa fase foi possível também que os indivíduos pudessem opinar sobre a apresentação dos resultados, trazendo sugestões sobre informações consideradas por eles relevantes a serem retratadas na definição e explicação da assexualidade. As entrevistas foram gravadas e transcritas para

análise posterior, e destaque de partes importantes que poderiam ser utilizadas na elaboração da cartografia.

Com base no roteiro empregado nas entrevistas, e se utilizando da possibilidade de alcance do questionário virtual, foi elaborado um questionário mais específico, com perguntas subjetivas sobre conceitos e opiniões acerca da assexualidade, e o mesmo foi aplicado com pessoas mais ativas no movimento de visibilidade e na militância. Desse questionário foram destacadas algumas considerações até informais feitas pelos participantes, que trazem uma visão mais subjetiva do que é a assexualidade, como visões particulares de problemas na comunidade, e personalidades sobre como foi se descobrir assexual, e como isso refletia visualmente a eles.

Nesse ponto pode-se notar como foi utilizado o design colaborativo, ao obter-se resultados consequentes de participação ativa do público a quem o trabalho se refere. Heemann, Lima e Corrêa (2008, p.3) falam que o design colaborativo pode ser entendido “como o ato ou o efeito produtivo ou criativo exercido em um grupo solidário de pessoas comprometidas”. Esse método pode ser percebido na presente pesquisa ao priorizar o trabalho com a comunidade no levantamento de informações, para saber suas opiniões e ideias, e fazer uso das mesmas para que houvesse intervenção direta na estruturação da cartografia, além trazer suas definições pessoais ou coletivas acima das já apresentadas por pessoas consideradas autoridades no assunto. Conversas informais e análise das discussões frequentes dentro da comunidade, em conjunto do compartilhamento de experiências pessoais, possibilitaram hierarquizações dos graus de importância de determinados assuntos na ótica do meio assexual, além de elementos considerados indispensáveis na definição e explicação da assexualidade. Também foi possível o mapeamento de elementos visuais que poderiam possivelmente ser utilizados na produção da cartografia, como cores e formas que remetessem aos símbolos da assexualidade (tais como o bolo, o anel preto e a bandeira assexual), associados a elementos visuais que permitiram a organização e apresentação hierarquizada de informações. Essas escolhas e sugestões discutidas com a comunidade superaram as dificuldades previstas ao se considerar a distância dos participantes da pesquisa, e mostrou certa liberdade nos debates em meio virtual.

Um caso notório foi um levantamento informal feito em um grupo, em que foi debatida a opinião de quem participava de redes sociais sobre matérias e pesquisas que já foram apresentadas a respeito da assexualidade, e uma parte da comunidade acabou por demonstrar descontentamento e certo incômodo com relação a tais pesquisas. A representação dos

assexuais na mídia se mostrou problemática, considerando que em algumas matérias e reportagens a mesma se dá por pessoas que não se interessam em buscar a opinião dos indivíduos, e acabam trazendo informações equivocadas ou baseadas em impressões. Um argumento reforçado com certa frequência foi o fato das pessoas não se sentirem representadas nas definições, ou sentirem que houve uma certa superficialidade que não conseguiu englobar informações primordiais, e fizeram os resultados se tornarem excludentes. Tendo a oportunidade de sugerir elementos e conteúdo para o resultado final, foi possível para a comunidade definir preferências para ser representada da forma como se vê, e com a apresentação de sua própria perspectiva, o que é mais proveitoso que resultados de observações externas, sendo esse o objetivo principal do presente trabalho.

A definição obtida por pessoas com vivência no tema se mostra mais rica e diversificada, abrangendo uma pluralidade que se mostra como mais proveitosa para os membros que integram a comunidade. Como trazido por Noronha (2011), fazer a tradução da identidade cultural de uma comunidade em uma representação gráfica implica na assimilação das diferenças sociais e visuais dessa comunidade, e isso demanda a inserção do designer no campo de pesquisa para a compreensão dos contextos e em que o campo se insere e a obtenção de elementos considerados relevantes para a comunidade, que podem vir a representar visualmente a mesma. Nesse contexto, como trazido por Manzini (2014) o designer utiliza suas habilidades específicas para catalisar, promover e dar suporte durante o processo de codesign, e habilitar os participantes para utilizar melhor o que o autor traz como um senso quase instintivo e difuso sobre como projetar.

Com todas as informações e opiniões coletadas, foi possível a produção da cartografia. Os elementos sugeridos pela comunidade como forma de representação próprias foram apresentados com elementos da comunicação visual, como camadas, *grid*, cores, representações tipográficas, etc., que serviram para trabalhar os níveis de hierarquia das informações. Foi optado pela construção de mais de uma cartografia para a apresentação de dados com naturezas diferentes, e maior liberdade de utilização dos conceitos adquiridos, além do maior aproveitamento dos símbolos sugeridos pela comunidade. Apresentar as informações dessa forma, considerando os contextos e perspectivas da comunidade assexual, permite maior compreensão, e a divulgação dos resultados possibilita trazer visibilidade para a assexualidade como orientação sexual.

Na tabela 1 será apresentado um resumo do que foi trabalhado durante a metodologia, com o intuito de facilitar a compreensão da linha do tempo das atividades:

Tabela 1 Etapas do Projeto

Etapas	Descrição	Objetivos
Primeiro Contato com a Comunidade	A participação na comunidade se deu por meio da interação virtual através de blogs, fóruns, e redes sociais.	Compreender as perspectivas de membros da comunidade, suas dúvidas, reclamações, afirmações e pautas de debate mais frequentes, tendo a partir daí uma ideia do que se caracteriza como mais ou menos relevante à comunidade no geral.
Levantamento de opiniões e informações (Processo cartográfico)	Algumas informações objetivas foram apuradas através da aplicação de um questionário com perguntas objetivas disponibilizado em plataforma virtual, e entrevistas abertas, aplicadas de forma presencial e virtual. As opiniões foram registradas em conversas e debates informais, além de um questionário de respostas subjetivas	Coletar informações como médias de idade, estados onde moras, identidades de gênero, dentre outros, fazer um levantamento sobre a opinião pessoal de diversos membros da comunidade sobre os temas frequentemente discutidos, e ouvir as sugestões sobre elementos que representam visualmente a comunidade.
Produção da cartografia (Apresentação visual dos resultados)	A produção se deu utilizando os dados e opiniões adquiridos na etapa anterior, utilizando Softwares de ilustração e diagramação.	Traduzir as informações adquiridas em conjunto com a comunidade de forma visual, com o intuito de apresentar posteriormente em plataformas virtuais para trazer visibilidade esclarecendo e definindo a assexualidade de uma forma não simplista, e considerando o ponto de vista de membros da própria comunidade.

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos estudos.

3. ASPECTOS TEÓRICOS

Para elucidar os principais pilares dessa pesquisa, foi considerado importante trazer os fundamentos nos quais a mesma se baseia, assim como os autores estudados e suas perspectivas para se obter compreensão dos temas, assim como contextualizar a razão de ter sido vista pertinência dos mesmos durante a pesquisa.

3.1 Pensamento complexo

As novas tecnologias permitiram que os indivíduos com suas particularidades suprimidas pelo pensamento de maioria se encontrassem, e dessa forma grupos menores e mais diversos puderam ter uma compreensão própria maior, e se apresentarem diante da sociedade. Cardoso (2012, p121) fala que “a crescente complexidade do cenário atual nos obriga a repensar velhos conceitos e a buscar novas respostas – ou, pelo menos, a reformular as perguntas de modo mais preciso e eficaz”. Assim, pode-se dizer que dando atenção devida e trazendo informações que os membros de comunidades representantes da diversidade querem que a sociedade saiba, poderá fazer a mesma eventualmente ser reconhecida e compreendida, mas isso é um processo de educação social relativamente lento, considerando que por muito tempo o que fugia da norma era considerado “errado”. Cardoso (2012) ainda sugere que o design se adequa como um instrumento para pôr ordem na bagunça do mundo industrial, e nessa organização, é um artifício para viabilizar a transmissão dessas informações que visam educar a sociedade sobre a diversidade. A própria possibilidade de transmitir o complexo sem abrir mão de uma camada em prol da outra, faz do design um meio com potencial para essa educação social a níveis, quem sabe, globais.

Tendo em vista a necessidade de pensar a complexidade dos indivíduos, é preciso levar em consideração que reduzir essa complexidade a conceitos simples não os beneficia, e ainda tende a invisibilizar minorias que têm lutado por seu lugar na sociedade e ignora as carências resultantes dessa desconsideração. Ao passo que ao fazer uma fragmentação detalhada de mais, traz o risco de não se dar a devida atenção ao quadro maior, e dessa forma acabar por tirar o foco de questões mais urgentes ou, no pior dos casos, leva à possível segregação da comunidade em questão. Dessa forma, é importante entender as ligações dentro de um grupo, por mais diferentes que sejam. A diversidade não é sinônimo de distanciamento. Pelo contrário, as divergências se observadas em um quadro maior, podem se mostrar como

duas faces de um mesmo raciocínio, mas com perspectivas diferentes. Morin apresenta o pensamento complexo como possível solução para tangibilizar a visualização dessas pluralidades, compreendendo-as como parte do todo:

Na visão clássica, quando surge uma contradição num raciocínio, é um sinal de erro. É preciso dar marcha a ré e tomar um outro raciocínio. Ora, na visão complexa, quando se chega por vias empírico-rationais a contradições, isso não significa um erro, mas o atingir de uma camada profunda da realidade que, justamente por ser profunda, não encontra tradução em nossa lógica. (MORIN, 2005, p.68)

Ainda de acordo com Morin (2005), entender a multidimensionalidade faz perceber a visão especializada como pobre, e traz a necessidade da ligação do objeto com outras dimensões, com o contexto no qual ele está inserido. Esse entendimento possibilita a compreensão, mesmo que parcial, da realidade, e pode ser um caminho para a educação social em relação à igualdade respeitando a diversidade. Cardoso (2012) fala que é preciso pensar o que o design pode ser com ousadia, além do que há na situação presente e nos limites passados, podendo assim se tornar esse caminho.

3.2 Cartografia

As definições de cartografia, considerando as constatações de Lindon (1996), são referentes a seu uso em determinado momento histórico, e dessa forma não se pode aceitar como “mais correta” uma definição em relação a outra, porém, de acordo com o contexto utilizado e o tipo de abordagem escolhida, há a possibilidade de descrever o método da maneira que vai se adequar melhor à perspectiva e ao propósito do pesquisador. Comumente utilizada nas áreas de ciências sociais e humanas, ainda segundo o autor a cartografia é “a ciência que produz mapas”, podendo ser um mapeamento não necessariamente de territórios físicos, como também de subjetividades, informações, comportamentos, etc. No presente trabalho, a abordagem foi em relação ao design. Szaniecki (2013) fala de como no design, em relação aos campos das ciências sociais e humanas, é um processo para assimilar questões além do seu campo, e ao mesmo tempo se apresenta como projeto visual, ou seja, até as questões visualizadas durante o processo são matéria para reflexão visual. Dessa forma, o mapeamento de informações, além de forma de levantamento, visa sua apresentação de forma gráfica.

O método de cartografia, considerando as definições de Passos *et al* (2009), consiste em realizar uma pesquisa cujas metas e a estrutura de prática serão traçadas de acordo com as

necessidades apresentadas durante o percurso de pesquisa (*hódos-metá*), o que permite a possibilidade de experimentação durante o processo. Dessa forma, como uma metodologia que se adapta no decorrer da pesquisa, Barros e Kastrup (2009) apontam que a cartografia não comparece como um método cujas etapas, ferramentas e aplicações vêm prontas, embora haja a possibilidade de traçar pistas que viabilizam sua prática. Por ser um método processual, torna possível compreender e representar assuntos subjetivos, e segundo Schlemmer (2014) “aponta para a necessidade de metodologias que possam acompanhar e registrar os percursos dos sujeitos e coletividades em um determinado contexto”, sendo ela própria uma metodologia que viabiliza tais registros.

Szaniecki (2013, p.4) trouxe a cartografia aplicada ao design trabalhando com uma comunidade pacificada no Rio de Janeiro. Em seu trabalho, ela destaca o fato de que “sociedades complexas de conteúdos e informações exigem sistemas complexos de formas e visualidades”, ou seja, de como a complexidade de conteúdo deve estar interligada à complexidade visual em sua representação. A autora ainda traz a consideração de que para o design, visualizar questões é matéria para a reflexão visual. Em resumo, pode-se dizer que no contexto do design, a cartografia além de metodologia é um projeto visual que representa os conhecimentos adquiridos de forma coletiva, respeitando suas subjetividades e sua complexidade. Para o design, é indispensável o contato direto com a comunidade.

Sendo uma metodologia que prevê o contato, a cartografia pode ser considerada inclusiva, e leva em consideração a perspectiva dos envolvidos na pesquisa (tanto do pesquisador quanto dos participantes), a cartografia permite que se traga voz aos sujeitos, dissolvendo o ponto de vista do autor, que participa dos processos acompanhados e passa a ter uma visão derivada da vivência e da experiência resultantes do processo de pesquisa, além do fato de que o projeto feito em colaboração com a comunidade viabiliza a representação e o destaque de informações tidas como fundamentais na definição da assexualidade, selecionadas pela própria comunidade. Essa gama de possibilidades fez da cartografia uma alternativa metodológica ideal para o presente trabalho, ao trazer alternativas que proporcionaram tal representação.

3.2.1 O designer no campo

A metodologia cartográfica, nessa situação, pediu a participação em campo, o que não é regra geral, mas para a intervenção do pesquisador e dissolução do seu ponto de vista, foi algo que se mostrou necessário. Essa participação em campo é associada a um campo de

conhecimento chamado de *design anthropology*. Gunn, Otto e Smith (2013) falam sobre como a relação entre os dois campos tem se mostrado principalmente através do design etnográfico, e que isso se deu quando os designers, no final da década de 70, começaram a notar o valor dos dados obtidos através dessas metodologias, especialmente quando se visava a compreensão de necessidades e exigências do público ao qual se dirigia o projeto. A metodologia etnográfica quando compreendida no contexto de uma disciplina de antropologia, segundo Amaral, Natal e Viana (2008, p.3) é um método que “reúne técnicas que munem o pesquisador para o trabalho de observação a partir da inserção em comunidades para pesquisa”, ou seja, que leva o pesquisador para dentro do campo que está sendo pesquisado, possibilitando um contato direto e uma submersão naquela realidade, o que proporciona uma compreensão do pesquisador na perspectiva do campo. No presente trabalho, foi utilizada uma variação dessa metodologia, chamada de netnografia, que Amaral, Natal e Viana (2009) citam como um método que começou a ser explorado no final dos anos 80, a partir da chegada de comunidades virtuais, e também pode ser conhecido como etnografia virtual, que é, ainda segundo os autores, levar essa prática ao âmbito virtual, mediado por eletrônicos como computadores, *tablets*, smartphones, dentre outros que dão acesso à conexão. No presente trabalho, o foco virtual foram as comunidades virtuais, que serviram inclusive para facilitar encontros presenciais. Não é possível dizer que foi aplicada a metodologia netnográfica em si nessa situação, mas alguns elementos dela podem ser encontrados durante a pesquisa, até pela facilidade com a qual a mesma pode ser combinada com o método cartográfico.

Gunn, Otto e Smith (2013) também falam sobre como o design, sendo um campo que visa uma produção concreta ou tangível, ao se associar com a antropologia para interagir com o usuário, criam produtos (que podem ser gráficos, serviços, físicos, ou intervenções urbanas) que transformam a realidade, e criam métodos diversos para intervir na mesma. No contexto dessa pesquisa, não teve apenas a participação em debates para levantamento de ideias, mas para a construção das mesmas com opiniões compartilhadas entre todos, juntando críticas pessoais a dados levantados e conceitos existentes nessa construção. Costard, Ibarra e Anastassakis (2016) falam sobre como a aproximação entre os dois campos podem produzir conhecimento para romper com as formas já estabelecidas de fazer, para responder a altura dos desafios da atualidade, através de novas estratégias e práticas advindas desse tipo de pesquisa.

Moraes (2010) relaciona a interação do design com outras áreas, algumas menos objetivas e exatas, com a inevitabilidade contemporânea da atuação em cenários cada vez mais complexos, que necessitam da interpretação de contextos que carecem da compreensão de

elementos intangíveis e subjetivos. Sendo assim, o contato do designer com o campo vai além da busca de dados para resultados práticos ao ter relevância no processo e na compreensão do contexto de aplicação em si. Não é só saber por que meios e com quais objetivos o usuário vai desfrutar do produto, mas compreender o contexto em que ambos se inserem a nível sociocultural e particularizado. Nas atuais circunstâncias da sociedade, o autor também fala sobre a inevitabilidade do estímulo da alimentação do mercado através de inovações. Moraes também fala sobre como o cenário contemporâneo se caracteriza por sua complexidade, fluidez e volubilidade. Quando se pondera sobre essa conjuntura, há de se entender a importância de técnicas mutáveis, que podem se adaptar aos âmbitos nos quais são aplicadas, intencionando melhor diálogo durante o processo, e resultados satisfatórios para as partes envolvidas. A utilização de metodologias interdisciplinares como a cartografia e adaptações etnográficas visa suprir essas necessidades contemporâneas ao moldar a prática de design a elas e ao contexto no qual o projeto se insere.

Moraes (2010) fala de como se tornou fundamental para o design se abrir a novas ferramentas e metodologias para administrar a complexidade contemporânea, e além de métodos etnográficos, Fontana, Heemann e Gomes falam sobre o design colaborativo. Sua abordagem, segundo os autores, tem sido em estudos e pesquisas devido à complexidade dos requisitos e das necessidades de projeto, devido também ao aumento das complexidades tecnológicas e de sistemas. A complexidade da qual se fala se estende a âmbitos subjetivos e mutáveis como demandas sociais e políticas. A expressão criativa sempre tende a ser intrínseca ao cenário no qual se encontra, ao traduzir o que pensa tanto a população que recebe os projetos, quanto os profissionais que os fazem. Reflexionar sobre tais contextos, e considerar a perspectiva da população, é tangibilizar e solucionar os problemas contemporâneos, mesmo que, segundo os autores, se façam essenciais equipes multidisciplinares para concretizar esse processo em seus segmentos.

A assexualidade na perspectiva de sua própria comunidade se mostrou mais profunda e complexa que a forma apresentada pelas literaturas sobre a mesma, por ainda ser um movimento novo e em constante mutação, que depende dos membros para solidificar, ou não, determinadas formulações. Fora o fato de ainda possuir conceitos presos no campo das ideias, portanto existe a dificuldade de externalizar e explicar de forma prática e didática alguns acontecimentos e suas razões, como as situações de opressão vividas sem serem percebidas, por exemplo. Trabalhar em conjunto facilita perceber, problematizar e compreender essas situações

e as conjunturas nas quais se inserem, mesmo sendo muitas vezes abstratas ou intangíveis, e concretizar em forma de produto, ou no caso, peça gráfica.

3.3 Elementos do Projeto Gráfico

A representação das noções coletadas pelo meio visual, tem a imagem como essência do projeto. Ambrose e Harris (2011) trazem a ideia de que a imagem é uma forma poderosa de comunicação, considerando sua gama de possibilidade de significados, que podem ser emocionais, culturais ou factuais, e salientam que a transmissão da mensagem através da imagem nem sempre é aquela intencionada. À vista disso, foi necessário trabalhar o visual de forma a focar na transmissão da informação objetivando a perspectiva da comunidade, para que não houvesse uma compreensão errônea do que é a assexualidade, como ocorre várias vezes em canais de comunicação que trazem definições simplistas.

No presente trabalho, foram utilizados principalmente os conceitos de Lupton (2008) para traçar os componentes gráficos a serem aplicados na etapa prática do projeto. Na construção da cartografia houve pontos a serem priorizados, como a legibilidade de determinados conteúdos que se classificavam como mais notáveis em relação a outros, e a harmonização de imagens e textos, trazendo o texto também como imagem. Nesse contexto, trazendo novamente a visão de Ambrose e Harris (2012), pode-se ter em mente nesse cenário, o texto utilizado também como símbolo fala mais por sua representação visual que os significados das palavras constituintes, mas isso não impede que o texto contenha conteúdo a ser levado em conta. O texto como forma de preenchimento da imagem é uma forma de trazer dois níveis de informação, sendo a imagem uma informação primária, e o texto uma informação secundária.

A hierarquia visual da informação, como destacado por Lupton (2008), controla a transmissão e o impacto da mensagem a ser passada, e dessa forma possibilitou que fosse determinada a direção e a ordem de leitura do conteúdo, assim como o que teria mais realce e o que ficaria como complementar. Para isso foi fundamental a organização das informações em camadas, que permitem a leitura de cada uma de forma independente. Para a definição clara dessas camadas, ainda se baseando nos conceitos da autora, é feito uso de cores, linhas, texturas, símbolos e ícones, que também servem para conectar os diferentes níveis.

Outro elemento visual trabalhado que reforça a hierarquia de informação, utilizando-se de linhas, diferenças de luminosidade para as cores de fundo, tamanhos do texto,

dentre outros, foi o *grid*. Lupton (2008) apresenta o *grid* como um possível caminho para geração de forma visando a organização de imagens e informações, sendo essa organização um meio de definir em que pontos da página haverá foco ou onde se apresenta as informações menos relevantes, mas com igual importância, que as leva a se apresentar juntas. As vantagens, relevantes à presente pesquisa, de se trabalhar com o *grid*, considerando as ênfases na obra de Samara (2007), são a facilidade de compreensão ou clareza, que é necessária quando se trata de informações com alto nível de complexidade, a eficiência, indispensável para que a informação seja passada de forma competente, a economia, que se relaciona diretamente com a eficiência, e a identidade, que concretiza a personalidade do projeto, e o destaca. No caso do presente projeto, o *grid* foi utilizado para a montagem das imagens em perspectiva isométrica, e na diagramação dos textos, para alinhar corretamente os mesmos.

Os elementos apresentados acima podem ser considerados os principais utilizados na execução gráfica do projeto, e com o intuito de evidenciar os mesmos, lançou-se mão de diversos elementos já citados como cor, textura, transparência, tamanho e pesos tipográficos, imagem, linhas e pontos, etc. A aplicação desses elementos foi trabalhada de forma conjunta, planejando como um se apresentaria em relação ao outro, podendo ser em sobreposição, como elemento de separação ou de conexão, como ferramenta para aumentar o destaque ou diminuir o foco, etc. Dessa forma, se tornou possível fazer a representação visual da complexidade trabalhada durante o percurso do projeto, sem abrir mão dos elementos sugeridos pela comunidade.

4. DESENVOLVIMENTO

O mapeamento serviu para o levantamento de definições e delimitações, trazendo por exemplo o vocabulário próprio da comunidade, que é um comportamento comum em grupo, mas que na assexualidade se tornou imprescindível, fazendo com que alguns termos se tornassem indispensáveis para sua compreensão. Ademais, existem os símbolos da comunidade, e a forma que eles são interpretados pelos membros, assim como sua relevância em âmbito local. Todos esses conhecimentos foram adquiridos ao longo do processo de contato e diálogo com a comunidade, e na medida de sua importância, foram considerados para a produção da cartografia, seja de forma direta e explícita, ou de forma conceitual, trazendo representações do imaginário da comunidade.

Essas expressões do que é a identidade da comunidade assexual podem estar presentes na vida dos membros de diversas formas, sejam aquelas manifestadas só no meio assexual ou aquelas que são exteriorizadas em seus cotidianos, afetando o comportamento e a própria aceitação, por exemplo. Assim, serão apresentadas de acordo com o mapeamento das mesmas, e com a relevância de cada uma para a representação visual da cartografia.

4.1 Definições de Conceitos

O presente trabalho trouxe a necessidade de definições de diversos conceitos para a compreensão da assexualidade como um todo, para que se tenha ideia da sua complexidade, e isso inclui os contextos nos quais ela está inserida. A assexualidade é um termo relativamente novo, e em constante debate para que seja feita uma definição.

Como conceito complexo, é importante compreender o contexto em que está inserido para que a definição se torne clara. Dessa forma, no presente trabalho se faz necessário a compreensão do significado dos termos “orientação sexual”, para ter noção de onde a assexualidade se encaixa como orientação, e da “atração”, entendendo suas múltiplas classificações e a relevância das mesmas para a compreensão de orientações.

Cláudia P. Costa, participante ativa da comunidade e da militância, publicou recentemente um livro sobre a assexualidade, em um trabalho de conclusão do seu curso de jornalismo. A proposta do trabalho é similar à deste, que é trazer a perspectiva dos assexuais na definição do que é a assexualidade, com a diferença da metodologia, sendo a dela mais voltada para o jornalismo. Costa (2016) fala da complexidade da assexualidade e da necessidade do

vocabulário próprio feito pela comunidade para explicar a maneira como se relacionavam com a própria sexualidade, e com as pessoas ao redor. Ao observar esse contexto, se tem a noção do porquê da criação de tantos termos, e dos motivos pelos quais algumas pessoas não conseguem se desapegar dos mesmos para tentar uma explicação didática que possa ter mais alcance. Um exemplo é que, diferente de outras orientações, na assexualidade existe uma grande necessidade de saber fazer a separação dos tipos de atração que existem, e a diferença entre atração sexual e desejo sexual.

As definições aqui apresentadas, em sua maioria, foram retiradas do mapeamento de blogs e sites que são tidos como referência pela comunidade, sendo o próprio grupo no *Facebook* uma das mais votadas como forma de adquirir conhecimentos sobre a mesma, por conter relatos mais pessoais, o que traz uma aproximação do autor com o leitor, e permite uma troca direta de ideias e dúvidas, além de possibilitar debates na área e chegar a conclusões de definições mais condizentes com a realidade local, baseada no contexto sócio-político em que a comunidade vive, não dependendo exclusivamente do movimento no exterior, a considerar que o mesmo foi uma grande influência para as concepções de hoje.

4.1.1 Identidade Sexual

Pode-se dizer que a orientação sexual de uma pessoa é a forma que o indivíduo identifica a si mesmo em relação à forma com que experiencia a sexualidade. Existem diversas orientações, dentre elas se destacam a heterossexualidade, a homossexualidade, a bissexualidade, a panssexualidade, a assexualidade, dentre outras que podem se classificar como derivadas das apresentadas anteriormente.

Costa (2016) fala sobre a diferença de comportamento sexual para identidade sexual. O comportamento não necessariamente reflete a identidade da pessoa, de forma que ter relações com determinado gênero, não significa que a atração da pessoa seja por esse gênero. Em muitos casos é reflexo da pressão social pela chamada heteronormatividade (a ideia de que o “normal” seria ter atração pelo gênero oposto), e no caso dos assexuais, pela asexualidade (a ideia de que o “normal” é ter atração e relações sexuais. Para se encaixar na regra, há quem abra mão da própria identidade e se submeta a comportamentos aos quais podem ter efeitos variados nas pessoas, da indiferença ao trauma devido à negação própria.

A autora usa “identidade” no lugar de orientação. Em um debate informal no grupo, ela fala sobre a palavra “orientação” em algumas situações dar a entender que algo ou alguém

levou a pessoa àquilo, e, como ela comentou certa vez “várias pessoas e acadêmicos usam outros termos como identidade sexual, forma de viver a sexualidade, ou só sexualidade”. Priorizar o uso do termo “identidade” se deu na justificativa de que a sexualidade de uma pessoa é parte do que ela é, e uma das faces da identidade geral como indivíduo. No presente trabalho, por ser um ponto de vista compartilhado, em alguns pontos, serão utilizados ambos os termos, por orientação estar mais difundido atualmente, apesar de “identidade” refletir melhor o que é a sexualidade humana. A título de conhecimento, falar de “Opção sexual” cada vez mais está em desuso, pois já é consenso entre muitos estudiosos que a atração não é uma escolha do indivíduo, é algo que de certa forma já nasceu com o mesmo, e dessa forma, não condiz com a realidade.

Figura 1 - Comentário em Debate Informal 1

Cláudia P. Costa Então, existe muita discussão sobre o termo orientação sexual, porque como mencionado acima, orientação dá a entender que alguém ou algo te levou aquilo.
Orientação sexual é um termo muito mais aceito do que opção sexual, que parte do pressuposto que é uma escolha.
Várias pessoas e acadêmicos usam outros termos como identidade sexual, forma de viver a sexualidade, ou só sexualidade.

Fonte: Acervo Pessoal

4.1.2 Atração

Difícilmente se encontram resultados de estudos sobre tipos de atração, e as definições são normalmente encontradas de forma mais empírica, em blogs e sites que não citam referências científicas, ou autores. Dessa forma, serão apresentadas definições e considerações que são consenso em algumas publicações virtuais, geradas a partir do mapeamento, que mesmo não sendo científicas, são aceitas.

A atração pode ser entendida como interesse que uma pessoa desperta por outra devido a algum fator que chame a atenção, podendo acontecer em consequência de algum comportamento ou característica. Normalmente a atração tende a vir com o subsequente interesse em aproximação da pessoa atraída pela atraente. Vale considerar que a atração é algo fisiológico, e não acontece por opção.

Existem quatro tipos de atração considerados mais relevantes para a compreensão da assexualidade, por serem discutidas com mais frequência, mesmo que de maneira informal e baseada em empirismos. É entendido que uma pessoa pode vivenciar mais de um tipo, de

forma independente de outro, havendo diversas “combinações” que serão comentadas posteriormente. Os conceitos aqui apresentados possuem definições empíricas por se encontrar pouco ou nenhum material científico sobre as mesmas, apesar de serem amplamente aceitas pelas comunidades nacional e internacional:

a) **Atração Romântica:** A atração romântica é de natureza emocional, e pode ser definida como o interesse no desenvolvimento de um vínculo afetivo/amoroso com outra pessoa. Uma pessoa pode se sentir romanticamente atraída por um gênero (sendo héterorromântica quando a atração é pelo gênero oposto, ou homorromântica quando a atração é pelo mesmo gênero), por dois gêneros (birromântica) ou pode se sentir romanticamente atraída por pessoas independentemente do gênero (panromântica). Há também quem não sente atração romântica, ou sente com pouca frequência e em situações específicas, ou de forma condicionada a outros fatores (arromânticos).

b) **Atração Sexual:** A atração sexual é de natureza física e fisiológica, vindo da propensão ao interesse sexual direcionado, que pode resultar em uma relação exclusivamente física. Assim como na atração romântica, a atração sexual pode ser manifestada como interesse despertado por gêneros específicos (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade), independentemente do gênero (pansexual) e pode não ocorrer, ou ocorrer com pouca frequência (assexual).

c) **Atração Estética:** Atração de origem física, é o interesse despertado pela aparência de determinada pessoa. Especificamente, a atração estética é influenciada por contextos sociais e pela mídia, podendo variar sua manifestação ao longo da vida de uma pessoa. Dessa forma, alguém que sente atração por um sujeito por determinada vestimenta, pode vir a sentir repulsa depois de alguns anos em função da moda. Ainda assim, a atração é involuntária e ocorre de maneira diferente em cada indivíduo, baseada em suas vivências. Vale considerar que essa atração ocorre independentemente de gênero.

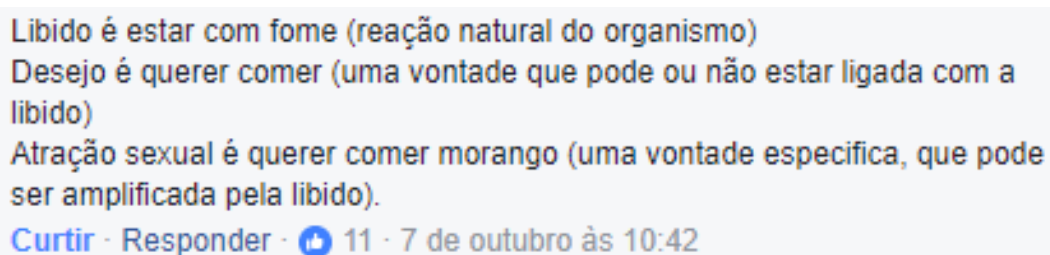
d) **Atração Sensual:** A atração sensual é um impulso por contato físico, não necessariamente sendo um contato sexual. Esse contato pode ser um abraço, segurar mãos, tocar o cabelo, e algumas incluem beijos na definição. Acontece por diversos fatores, podendo ser influenciado pela orientação sexual ou alguma atração estética. Essa atração pode se dar por familiares e amigos, e é independente de gênero.

As formas de atração ocorrem de forma involuntária e independentes umas das outras. Assim, uma pessoa pode não sentir atração sexual, mas sentir atração romântica e ter um relacionamento. A separação entre as atrações é o que costuma causar dificuldade em uma pessoa se identificar como assexual. Normalmente é ensinado que a atração sexual e a romântica se manifestam simultaneamente, e quando um assexual tem interesse romântico por outra pessoa, pode acabar se considerando de uma orientação relativa à sua atração. Em vista disso, é importante o destaque aos tipos de atração quando a intenção é explicar a assexualidade, mesmo se tratando de uma orientação sexual.

4.1.3 Definição da Assexualidade como identidade sexual

Oliveira (2012) traz uma definição relativamente recente, e ainda em construção, da assexualidade como “a orientação de pessoas que não sentem desejo sexual”. Considerando que identidades sexuais são mais relativas a atração sexual (aqui entendida como a propensão à excitação sexual) que ao desejo sexual (nesse contexto, desejo é entendido como o interesse na prática sexual propriamente dita). Para explicar essa diferença em um debate informal, alguns membros do grupo trouxeram como a atração sexual ser a vontade de fazer sexo direcionada especificamente a alguém, e desejo sexual ser a vontade de fazer sexo (independendo de a quem isso se direciona). Costa, no mesmo debate, ilustrou a situação fazendo uma analogia com comidas (um dos símbolos mais importantes da comunidade): A libido, que normalmente é voltada nas pessoas para a área sexual, é como a fome, ou seja, uma necessidade ou reação natural do organismo a ser suprida; Desejo sexual, nessa lógica, seria a vontade de comer, que pode ocorrer independentemente da fome; e a Atração sexual seria a “vontade de comer morangos”, ou seja, algo bem específico. Mesmo com definições relativamente parecidas, e tendo sido informalmente esclarecidas, atração e desejo se diferenciam e podem existir de forma independente um do outro. Vale acrescentar que existem indivíduos com interesse em práticas sexuais que não sentem atração em alguns contextos específicos.

Figura 2 - Comentário em Debate Informal 2



Libido é estar com fome (reação natural do organismo)
Desejo é querer comer (uma vontade que pode ou não estar ligada com a libido)
Atração sexual é querer comer morango (uma vontade específica, que pode ser amplificada pela libido).
Curtir · Responder · 👍 11 · 7 de outubro às 10:42

Fonte: Acervo Pessoal

Considerando as definições apresentadas anteriormente, Oliveira (2014, p.15) traz uma definição menos geral quando comparada com a anterior: “[...] o desinteresse sexual e/ou amoroso tem sido compreendido como parte do espectro da diversidade sexual humana, sendo característica de uma forma distinta de vivência da sexualidade, que não se fundamenta no pressuposto do interesse sexual e amoroso universal e compulsório, como ocorre com as sexualidades mais conhecidas e estudadas”. Alguns autores consideram que o interesse romântico se liga diretamente ao sexual, porém tal ponto de vista tem sido dissolvido ao se considerar as atrações de forma distinta. Partindo desse ponto, pode-se adaptar a definição de assexualidade como “orientação na qual o sujeito não experiencia a atração sexual, ou o faz de forma parcial ou condicional”.

A título de conhecimento, nos termos utilizados atualmente, são denominadas “alosessexuais” pessoas que experienciam a atração sexual de forma mais frequente, e tida como comum quando comparada com o que se percebe na assexualidade, sendo essas pessoas a grande maioria na sociedade, e tendo seu comportamento considerado normativo. Pires (2017) fala que “Antes da criação do termo homossexual os heterossexuais não precisavam se definir, [...]. O mesmo acontece com o surgimento da nomenclatura “assexual”, se torna necessário definir a alosessexualidade – pessoas que sentem atração sexual”.

4.1.4 Definição da assexualidade como “termo guarda-chuva”

A assexualidade costumava ser considerada um termo guarda-chuva, por abranger diversas manifestações da atração assexual, que são entendidas como identidades diferentes, mas todas dentro de um espectro da assexualidade em si. Esses conceitos foram usados por muito tempo, e por isso começaram a separar as orientações que se encontravam na área cinza da assexualidade. Na tentativa de abraçar e incluir a todos, acabou que se utilizaram disso para criar falsas hierarquias de assexualidade, em disputas egocêntricas sobre quem seria mais ou menos assexual na comunidade. Em vista disso, com o tempo começou a se usar menos a definição da assexualidade como uma identidade que abrange outras, e começou a se perceber a assexualidade como uma identidade que possui um espectro abrangente. Tendo aproximadamente 20 anos de visibilidade e pesquisa, a comunidade assexual utiliza os meios digitais para se comunicar e espalhar os termos recentes. Costa (2017) fala de como para alguns membros a quantidade de termos é desnecessária, por serem considerados como rótulos dispensáveis. Deve-se acrescentar que tais rótulos, na visão de alguns, inclusive na minha, ajudam as pessoas que estão se descobrindo na assexualidade, mas não têm certeza da sua

inserção na mesma, principalmente dos que estão na chamada “área-cinza”. Por terem determinados comportamentos ou preferências, há a dúvida da sua inclusão na comunidade, e esses termos definem situações específicas em que ocorre a atração sexual, o que faz com que as pessoas se sintam abraçadas. Alguns desses termos também podem se referir a pessoas que sejam asexuais, porém, se sentem melhor representados pela assexualidade.

Alguns desses termos, antes considerados como sub-orientações, são muito recentes e não oficiais, outros são adaptados de traduções informais, e dessa forma pode-se destacar alguns dos mais conhecidos e utilizados. Suas definições não são baseadas em estudos científicos por haver carência nessa área, e considerando o objetivo do trabalho que é trazer a explicação da assexualidade a partir da perspectiva de sua comunidade, as definições foram trazidas como conclusões de leituras de blogs, e debates na comunidade, onde cada pessoa tinha sua forma de explicar. É importante ressaltar que alguns seriam excluídos da apresentação para simplificar, porém no questionário quantitativo houve pessoas que apontaram como vantagem a disponibilização de termos que fogem aos mais conhecidos, já que assim se sentiram mais incluídos, então foi optado por manter alguns menos recorrentes, e com definições que não são ainda de consenso geral:

a) Demissexualidade:

Orientação em que o indivíduo sente atração de forma necessariamente condicionada a um vínculo que foi formado anteriormente, podendo esse vínculo ser emocional, intelectual, afetivo, etc.

b) Gray-a/Grayssexualidade:

Orientação em que a atração sexual é experienciada em situações específicas e raras, de forma muito menos comum que em pessoas asexuais.

c) Frayssexualidade:

Oposto da demissexualidade, um indivíduo *fray* sente atração exclusivamente quando não há nenhuma espécie de vínculo com a outra pessoa.

d) Litossexualidade:

Na litossexualidade o indivíduo sente atração, mas não sente desejo sexual, ou seja, não tem interesse em que haja reciprocidade ou consumação do ato sexual. Quando há essa reciprocidade, a atração some.

e) Aceflux ou assexualidade fluida:

Nesse caso, a pessoa sente atração de formas diferentes ao longo da vida, mudando os condicionamentos (podendo ser algum vínculo ou a falta dele, por exemplo), mas ainda com menos frequência e intensidade que em uma pessoa alossexual.

f) Assexualidade estrita:

Orientação em que a pessoa não experiencia a atração sexual em nenhuma situação ou momento. O termo é novo, tendo entrado em uso em 2016, já que os estritos só se definiam como assexuais. A necessidade veio a partir do reconhecimento das diversas orientações abrangidas, o que tornou “assexual” uma especificação um pouco vaga.

4.1.5 Celibato e Frigidez

Celibato e frigidez são expressões levantadas com tanta frequência por pessoas se descobrindo, que foi considerado relevante trazer suas definições e justificar a falta de relação com a assexualidade.

Celibato, de acordo com a definição do site InfoEscola, é uma decisão em que o indivíduo, que pode ser de qualquer gênero, opta por não se unir em matrimônio ou relacionamento romântico, sendo essa decisão tomada normalmente por motivos religiosos, para quem segue vocação religiosa, como padres, freiras, etc. Nesta e em outras definições fica claro que a vida sem relacionamentos, e normalmente sem sexo, é relacionada a uma decisão própria do indivíduo. Há quem compare a assexualidade com votos de celibato ou castidade (que é guardar a vida sexual para o matrimônio) de forma errônea, já que identidades sexuais não são escolhidas ou influenciadas pelo meio.

Outra confusão comum é relacionar a assexualidade com a possibilidade de frigidez. O site AbcMed (2011, p.1) define a frigidez feminina como “a dificuldade ou incapacidade que podem ter certas mulheres de experimentarem a excitabilidade sexual ou orgasmo e qualquer forma de resposta sexual que lhes seja satisfatória”. A partir dessa definição, vale ressaltar que a assexualidade não tem relação direta com a excitação, existindo pessoas que se masturbam, por exemplo. A assexualidade tem ligação com a atração sexual que um indivíduo pode experienciar por outro, especificamente. O site em questão também fala de causas como bloqueios psicológicos, que podem ser relacionados a estresse ou traumas, e causas físicas, como questões hormonais ou patológicas. Dessa forma, a frigidez pode ser vista

como a dificuldade de excitação sexual causada por outros fatores referentes à sua saúde física e mental.

Historicamente, tem sido comum a patologização e a relativização de identidades sexuais não normativas, o que resulta na em indivíduos que são descredibilizados pela sociedade, e submetidos a tratamentos que muitas vezes podem ser considerados cruéis. Essas situações ilustram a importância de trazer visibilidade a essas identidades, de forma que a sociedade pare de marginalizar ou relativizar as mesmas, tratando-as como opção ou doenças, que são passíveis de mudança e “solução”.

4.2 Símbolos da Assexualidade

Na comunidade assexual, assim como em outras comunidades organizadas LGBTQ+, existem símbolos que a representam, e são usados por seus membros como forma de evidenciar sua identidade, e trazer a si mesma visibilidade através desses símbolos. As histórias do surgimento dos mesmos foram mapeadas a partir de dois sites vistos pela comunidade como relevantes, o blog Assexualidade Brasil, e a enciclopédia virtual (informal) da AVEN.

Aqui serão apresentados os que foram observados como principais, sendo trazidos das comunidades internacionais, e difundidos no Brasil. Aqueles que não se popularizaram aqui não foram tidos como relevantes, haja vista que o foco da pesquisa foi a comunidade brasileira, apesar da influência do exterior. Alguns desses símbolos derivaram de situações informais, e se tornaram populares, ao passo que outros são de origem e conceitos mais sérios, tidos como oficiais.

4.2.1 O Triângulo da AVEN

Amplamente considerado símbolo da Assexualidade, é composto por um triângulo invertido preenchido por um gradiente de cores, cuja parte superior apresenta a cor branca, que representa a asexualidade. No site da AVEN, fala de representar também a escala de Kinsey, que tenta mensurar a expressão da sexualidade humana, e segundo Oliveira (2014, p.55) “contempla orientações sexuais caracterizadas pela efetiva atividade sexual, ou seja, a heterossexualidade, a homossexualidade e diferentes graus de bissexualidade”. Fora a cor branca, passa pelo cinza, que representa a área cinza da assexualidade (abraçada nesse símbolo

tanto quanto na comunidade) e apresenta a cor preta na base, que representa a assexualidade propriamente dita. Em algumas variações, o triângulo aparece com um contorno na cor roxa.

Figura 3 - Triângulo da Aven



Fonte: Acervo Pessoal

4.2.2 A Bandeira da Assexualidade

A Bandeira surgiu com a necessidade de um símbolo para a Assexualidade no geral, ao passo que o triângulo da AVEN era um símbolo próprio do site, o qual não possui a afiliação de toda a comunidade. Em 2010 foram feitas diversas propostas de bandeiras para sites que abriram o “concurso”, e a selecionada foi uma de diagramação simples, sem elementos como os naipes, círculos ou triângulos, que se encaixou melhor com o padrão de bandeiras LGBTQ+. Ela é composta de quatro barras nas cores preto, cinza, branco e roxo, que respectivamente significam a assexualidade, as identidades da área cinza, a asexualidade e a comunidade assexual.

Figura 4 - Bandeira da Assexualidade



Fonte: Acervo Pessoal

As cores da Bandeira oficial são tidas como a principal paleta de cores da assexualidade, de forma que praticamente todas as ilustrações relacionadas fazem uso da mesma. Em alguns personagens feitos na comunidade (com histórias em quadrinhos virtuais

sobre a assexualidade por exemplo), as cores cinza e roxo principalmente costumam aparecer nas vestimentas ou no cabelo, de forma a representar indiretamente que são personagens assexuais. Assim, as próprias cores se mostram um símbolo forte na comunidade. As bandeiras da área cinza normalmente são baseadas na oficial, trazendo em algum ponto suas cores ou sua diagramação, e fazendo adição de elementos como triângulos, cortes, etc.

Figura 5 - Bandeiras da Grayssexualidade e Demissexualidade



Fonte: Acervo Pessoal

4.2.3 Os Naipes de Ás

Na explicação tirada do blog *Assexualidade Brasil*, “Em inglês "ace" é um encurtamento fonético da palavra "asexual". E ace, no inglês, significa nossos "Ases" do baralho, por isso tem levado a um simbolismo em relação as cartas de "Ás". No português também se popularizou a palavra “ace”, como forma de chamar os assexuais. Os naipes são utilizados com frequência como símbolos da assexualidade, tendo aparecido bastante nas propostas de bandeiras. A carta mais utilizada é o Ás de espadas, por conter um coração preto invertido, que poderia simbolicamente representar a arromanticidade. Existem simbolismos sobre cada naipe, sendo Copas representante dos assexuais românticos, Espadas os assexuais arromânticos, Ouros os demissexuais e demirromânticos, e Paus os gray-assexuais e gray-românticos, porém as definições e suas representações são pouco difundidas na comunidade brasileira, portanto, não foram vistas como relevantes na cartografia.

Figura 6 - Cartas de Ás



Fonte: <https://pt.freeimages.com/>

4.2.4 O Bolo

Provavelmente tão popular quanto a bandeira, uma fatia de bolo costuma representar de maneira informal a assexualidade. Foi sugerido como símbolo do fórum da AVEN no final de 2003, tendo se tornado um *emoticon* (símbolo utilizado em conversas virtuais) em 2004. Fala-se da tradição de membros novos serem recebidos com uma fatia de bolo, e de uma máxima utilizada na comunidade, quase como um slogan, que diz que “Bolo é melhor que sexo”. Em matérias sobre a assexualidade e em interações da comunidade, costuma-se usar diversos bolos, sendo mais popular no Brasil o de chocolate com cobertura.

Figura 7 - Bolo



Fonte: <http://assexualidadebrasil.blogspot.com.br/>

4.2.5 O Anel Preto

Ainda pouco popular no Brasil em relação aos outros símbolos, o anel preto utilizado no dedo médio da mão direita é uma forma do indivíduo identificar sua assexualidade. O formato e o material do anel não são especificados. A sugestão surgiu em um tópico de discussão da AVEN, em 2005, e a comunidade aderiu facilmente. O anel preto é usado em outros contextos, como em algumas religiões, portanto é frequentemente confundido.

Figura 8 - Anel Preto



Fonte: <http://assexualidadebrasil.blogspot.com.br/>

Tendo em vista essas definições, símbolos e contextos históricos, há a possibilidade da análise das respostas dos questionários aplicado virtualmente, e das considerações feitas durante as entrevistas abertas que possibilitaram a produção da cartografia.

4.3 Observações Durante as Etapas de Pesquisa

É possível separar em cinco partes distintas a forma de levantamentos durante o processo da pesquisa, sendo eles os levantamentos em mídia virtual, os debates informais na comunidade, considerando fóruns e grupos online, o questionário de perguntas de múltipla escolha, o questionário de perguntas com respostas subjetivas, e as entrevistas abertas.

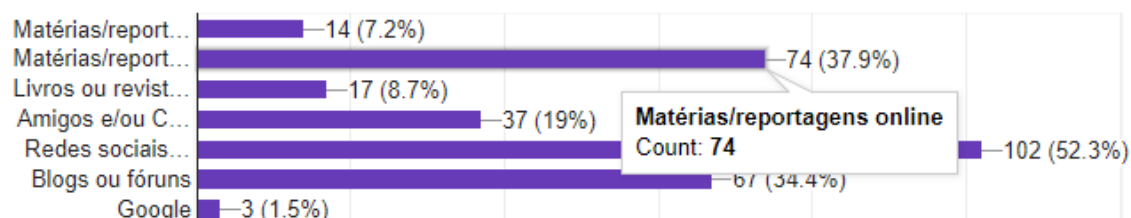
O levantamento nas mídias virtuais se deu primeiro com a leitura de tópicos de discussão em fóruns (alguns internacionais), e então em grupos locais, e permitiu o levantamento de informações e conceitos, como os apresentados previamente. Os debates informais serviram para saber a percepção desses conceitos de acordo com a comunidade, e analisar até que ponto havia acordo com o que é visto como “oficial”, e o que era tido como “mais fundamentado”. Dos pontos de concordância do que era oficializado e do que era disseminado no âmbito informal, foram elaborados os conceitos principais.

O questionário objetivo serviu mais como uma ferramenta complementar de mapeamento que definitiva. As informações ajudaram a perceber o alcance da comunidade no Brasil, tendo sua maioria no estado de São Paulo, e para ratificar que o contato com informações sobre a assexualidade se deu majoritariamente pelo meio virtual. Também foi possível retirar respostas que serão utilizadas como informação complementar na cartografia, como situações em que houve opressões às pessoas em detrimento de sua identidade sexual.

Figura 9 - Resultado do Questionário Objetivo 1

Por que meio(s) você descobriu a assexualidade? (pode selecionar mais de um)

195 responses

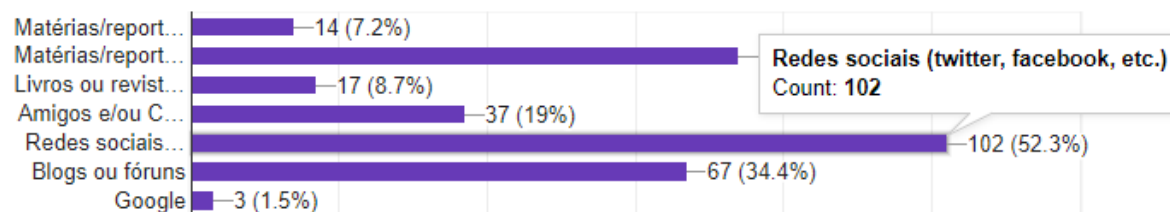


Fonte: Acervo Pessoal

Figura 10 - Resultado do Questionário Objetivo 2

Por que meio(s) você descobriu a assexualidade? (pode selecionar mais de um)

195 responses



Fonte: Acervo Pessoal

A entrevista e o questionário subjetivo foram aplicadas em pessoas mais presentes e ativas na comunidade e na militância. Ambas possuem o mesmo roteiro, com a diferença de que as entrevistas possibilitavam as pessoas a falar mais, e o questionário era semiestruturado, ou seja, as perguntas eram feitas de acordo com as respostas e reações dos participantes. No

questionário havia menos fluidez de ideias, mesmo que algumas pessoas tenham desenvolvido bem o raciocínio. Essas ferramentas proporcionaram uma visão mais subjetiva das concepções de alguns membros, com suas particularidades envolvidas nas respostas, derivadas da atuação na comunidade.

Figura 11 - Transcrição da Entrevista Aberta

Jeanine: E o que não é assexualidade?

Raynara: Celibato. Confusão. Falta de né... que o pessoal fala hahah. Isso tudo não é assexualidade. Não é doença também, problema psicológico, nada disso. Falta de, como é? Libido. Nada disso é assexualidade.

Fonte: Acervo Pessoal

Figura 12 - Respostas do Questionário Aberto

Na sua opinião, o que NÃO é a assexualidade?

8 responses

Uma pessoa q sente atração sexual total e q se conforma a alonormatividade
Grupo seleto de indivíduos que sentem atração sexual, independente de condicionamentos.
nao querer fazer sexo

Fonte: Acervo Pessoal

4.4 Definindo a Cartografia

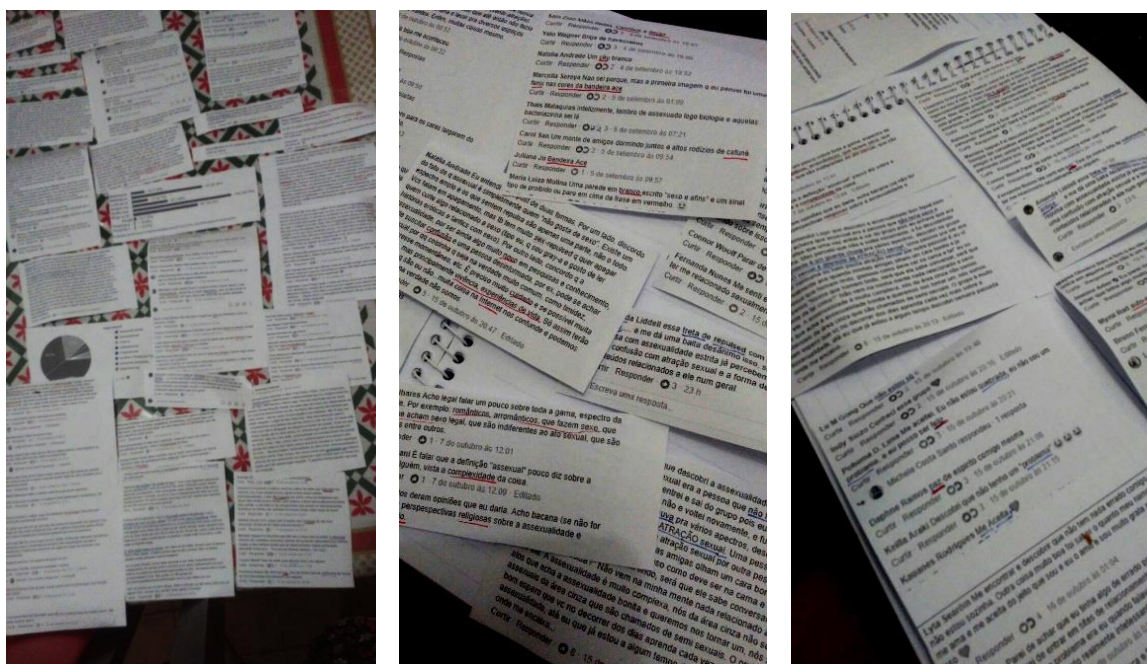
Considerando as ferramentas acima e o mapeamento das ideias e interpretações da comunidade, alguns elementos foram selecionados para fazer parte da cartografia. Além de debates aleatórios em que os símbolos e conceitos surgiam, houve um levantamento mais direto, e alguns temas puderam ser destacados como mais recorrentes, e mais presentes no imaginário da comunidade.

4.4.1 Percurso para a definição de elementos conceituais e teóricos na cartografia

Foi montado um mapa mental ligando palavras e temas relevantes na compreensão da assexualidade, fazendo ligações entre os que se envolviam diretamente com os outros. Para a montagem desse mapa, alguns comentários feitos em um dos grupos de *Facebook* foram

salvos como imagens, e impressos. Em alguns comentários foram evidenciadas palavras que se repetiam ou que tinham certo peso abstrato nos textos, em relação ao que normalmente era discutido. Algumas informações notáveis são o uso de palavras como paz e liberdade que os membros utilizam para falar do período de suas descobertas, ou do sentimento de acolhimento envolvido ao encontrar uma comunidade da qual fazem parte. Outras foram os conflitos entre os estritos e os da área cinza, e a quantidade de termos, que dividem opiniões. Esse exercício manual se mostrou eficaz na produção do mapa, por possibilitar a percepção e ênfase simples e direta do que se mostra como discussão relevante na comunidade, já que tais comentários foram tirados de debates polêmicos com muita participação dos membros, ocorridos em épocas diferentes, e mesmo assim com teor similar. A imagem abaixo dos comentários possui caráter ilustrativo, visto que sua utilização se dá para expor o método.

Figura 13 - Comentários Impressos



Fonte: Acervo Pessoal

No primeiro mapa mental foram utilizadas cores randomizadas para separar os tópicos e suas ligações, e o grau de importância se deu por vibratibilidade de cor e tamanho de fonte. As diferentes linhas foram utilizadas para dar destaque maior ou menor às conexões

Figura 14 - Mapa Mental 1



Fonte: Acervo Pessoal

Com base nesse mapa, foram criados mais dois pensados na aplicação para a cartografia, trabalhando as cores da bandeira e com testes de contraste. Os termos que aparecem são os mesmos, porém com informação melhor organizada.

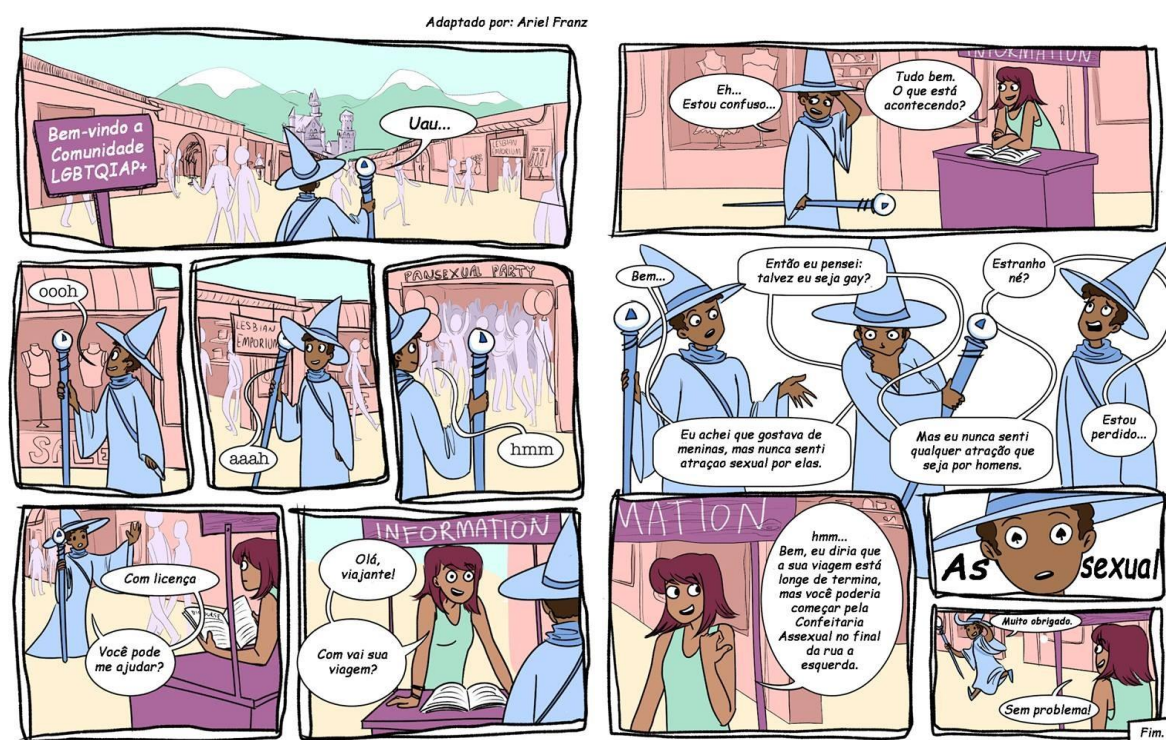
Figura 15 - Mapa Mental 2



Fonte: Acervo Pessoal

O conceito de cafeteria foi escolhido a partir de uma *web comic* (tirinha/quadrinho virtual) que fala da assexualidade como uma confeitaria, em um contexto de perceber identidades sexuais como lugares. Soma-se essa ideia a quem relaciona assexualidade com comida, doces, bolos, dentre outros. Trabalhar um espaço onde as ideias possam ser representadas por comidas se mostrou uma alternativa de representação. Por não ser muito conhecida, os estereótipos e símbolos que remetem à assexualidade não são tão representativos, por não serem populares. Na maioria dos artigos e reportagens se usam bolos e as cores da bandeira, e para escapar um pouco do clichê, deu-se a ideia de trabalhar um ambiente, que como a assexualidade, tem diversos segmentos a serem explorados. A opção de trabalhar uma cafeteria no lugar de uma confeitaria se deu por ser um conceito com elementos visuais mais convenientes de serem trabalhados, como placas feitas de quadros de giz, cardápios de parede.

Figura 16 - WebComic Traduzida e Adaptada



Fonte: <https://www.facebook.com/assexualistambemamam/>

O traço em perspectiva isométrica é normalmente utilizado para a apresentação de artes conceituais em jogos e cenários, por dar liberdade de explorar as cenas quase inteiramente. Determinadas paredes são “retiradas” para que seja possível ver a disposição dos elementos da cena, e assim pode se mostrar ambientes separados de uma forma mais amplas.

Alguns *moodboards* foram feitos para organizar as principais imagens utilizadas como referências na construção da cartografia, considerando o conceito de cafeteria associado à mesma, e o traço isométrico para a apresentação de cenários.

Figura 17 - Moodboard 1



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 18 - Moodboard 2



Fonte: Acervo Pessoal

4.4.2 Percursos para a definição de elementos visuais da cartografia

Alguns símbolos são fortemente associados à assexualidade pela própria comunidade, então a cartografia sofreu influência dos mesmos a níveis conceitual e técnico. Tais símbolos foram levantados em debates abertos ou extraídos de conversas informais. Os nomes nos comentários foram cobertos por questões de privacidade.

A bandeira e suas cores: Possivelmente o principal símbolo da assexualidade, a bandeira foi sugerida como representante visual da comunidade. Assim, o uso de suas cores se mostrou imprescindível na paleta. É muito lembrada em comentários e ilustrações feitas pelos membros, ou em personagens de histórias sobre assexualidade.

Figura 19 - Comentários sobre "O que representa a assexualidade visualmente"



Fonte: Acervo Pessoal

O Bolo: Quase tão importante quanto a bandeira, porém utilizado em contexto mais informal, normalmente em piadas ou em jargões como “bolo é melhor que sexo” e “eu escolhi o bolo”. É um dos principais símbolos da assexualidade. Além de ser associado a doces e comidas, que foram vistos como elementos propícios à cartografia, por serem fáceis para aplicação de conteúdo e cores.

Figura 20 -16 Comentários sobre "O que representa a assexualidade visualmente" 2



Fonte: Acervo Pessoal

4.5 Elementos Teóricos para a Cartografia

Os elementos teóricos principais foram definidos através da ideia de um percurso de etapas do entendimento de conceitos a partir da descoberta da assexualidade. O que acontece, é que foram notadas algumas informações que normalmente são descobertas em ordem, ou que são necessárias com maior frequência. As informações foram definidas em grau de importância, inclusive para facilitar a hierarquização visual de informações, sobre o que deveria ser mais ou menos destacado.

4.5.1 Maior importância

Definição geral: “A assexualidade uma a identidade sexual onde o indivíduo experiencia a falta parcial, condicional ou total de atração sexual”. Definição tirada de uma conversa informal com a Cris Valkuja, uma participante da militância assexual.

A definição do que é a assexualidade é o ponto mais importante de se entender como assexual ou não. Mesmo que não haja total assimilação do significado, essa definição já traz certa possibilidade de estar inserido ou não nesse meio.

Área cinza: Assexuais da área cinza são pessoas que podem sentir atração sexual de forma parcial ou condicional. Mesmo na área cinza, a atração sexual não é sentida da mesma forma que por uma pessoa alo (sexual), logo, quem está na área cinza normalmente se sente melhor representado pela comunidade assexual.

É importante entender que assexuais, apesar do prefixo “a” ser indicativo de negação, podem sim fazer sexo, e já ter feito ou sentido atração não é parâmetro para a exclusão de alguém da comunidade. Muitas pessoas relataram não acreditar serem assexuais por já terem tido relações ou atrações que aconteceram em ocasiões pontuais da vida.

Os debates sobre sexo e área cinza são frequentes até hoje, e é importante ressaltar que a assexualidade não é necessariamente sobre sexo, mas sim, atração sexual. Esse tipo de realce pode ser feito de forma complementar ao texto principal.

Atração Romântica: A atração romântica é caracterizada pelo interesse em desenvolver um vínculo afetivo/amoroso com outra pessoa. A orientação romântica de uma pessoa é independente de sua identidade sexual, logo, mesmo sem sentir atração sexual nenhuma, o indivíduo pode se apaixonar, se relacionar e inclusive casar com alguém. Um jargão usado comumente pelos assexuais é “Se pode haver sexo sem amor, por que não pode haver amor sem sexo?”

Um pouco menos comum de acontecer em relação a compreensão do que é a área cinza, mas ainda frequente, é de pessoas acreditarem que assexuais não namoram ou se apaixonam, e isso se baseia na ideia de quem relacionamentos necessariamente têm sexo. Saber que existe a possibilidade de se sentir romanticamente atraído por uma pessoa, sem necessariamente se sentir atraído de forma sexual pela mesma.

4.5.2 Importantes

O conteúdo tido como simplesmente “importante” consiste em questões que normalmente são levantadas quando se tem contato com a assexualidade, mas não são necessariamente definições da mesma.

Termos demais vs Termos importantes: A quantidade de termos é um tema frequentemente debatido, devido à comunidade assexual ter um vocabulário próprio extenso em relação a outras comunidades, e da inserção de outros normalmente utilizados em contextos específicos (como termos para pessoas não-binárias), o que afasta a comunidade do que é didático, e segrega pessoas em grupos de quem tem acesso a informação, quem não tem, e quem tem de forma limitada, como pessoas mais velhas. Os termos são importantes para entender e acolher na comunidade assexuais independentemente de seus comportamentos, porém em uma conversa com Cláudia P. Costa, ela falou sobre como rótulos apenas juntam pessoas com uma característica em comum, e o que tem acontecido no meio LGBTQ+ em geral, mas

principalmente na assexualidade, é estarem especificando demais os rótulos para encontrarem pessoas as mais parecidas possíveis em agrupamentos, o que tem sido mais danoso que proveitoso.

Desejo, atração e comportamento sexual: “Desejo sexual é a vontade de fazer sexo ou de obter prazer sexual. Atração sexual é quando esse desejo é direcionado a alguém específico. Comportamento sexual é a forma que o indivíduo pratica sexo, podendo ser com ou sem frequência, com homens ou mulheres, dentre outras formas, e o comportamento não necessariamente reflete a identidade sexual de alguém, já que fatores como a pressão social tendem a ser de grande influência”.

Os três se diferenciam, e apesar de não serem tão relevantes ao entender o que é a assexualidade em si, a confusão dos mesmos, ou acreditar que possuem o mesmo significado podem levar as pessoas a entendimentos falhos em debates.

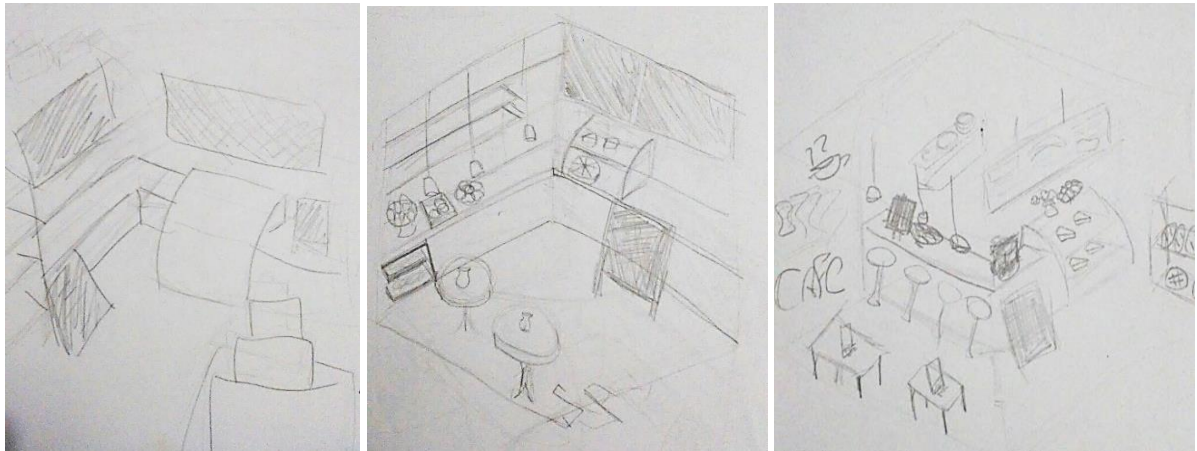
Símbolos da assexualidade: Os símbolos não são relevantes de serem trazidos propriamente como conteúdo, mas mostrou-se necessária a apresentação do bolo, ao menos como complemento da cartografia. É o símbolo mais utilizado para a representação da comunidade, e é praticamente impossível aprender sobre a mesma sem eventualmente se deparar com o bolo. Da mesma forma, as cores da bandeira foram aplicadas na paleta de cores da cartografia. Mesmo não se deparando necessariamente com a bandeira, as pessoas encontrarão suas cores em diversos pontos da comunidade.

4.6 Produção da Cartografia

4.6.1 Primeiros esboços

Os primeiros esboços levavam mais em conta elementos visuais para compor a cartografia. Em um primeiro momento, eram apenas ideias de como trabalhar dentro da perspectiva isométrica o ambiente de uma cafeteria, ou vários ambientes que poderiam ter na mesma. Outros, eram objetos que poderiam compor a cartografia, de forma a reforçar o conceito.

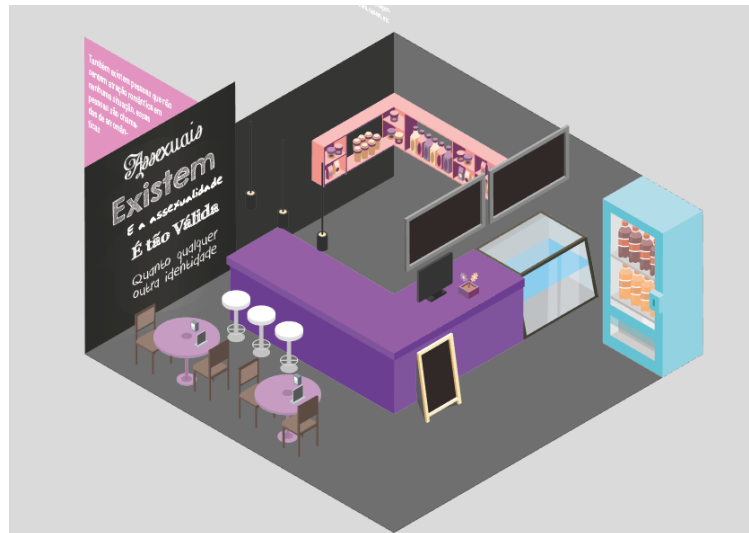
Figura 21 - Primeiros Esboços



Fonte: Acervo Pessoal

Foram feitos testes com essas imagens em computador, e as ideias dos esboços se mostraram pouco úteis para a quantidade de texto necessária. Também, trabalhar caixas de texto em perspectiva foi um recurso visualmente agradável para detalhe e textura, mas comprometeu a legibilidade e deixou os textos com pouco destaque, logo, impossibilitou apresentar claramente as principais definições.

Figura 22 - Primeira Tentativa

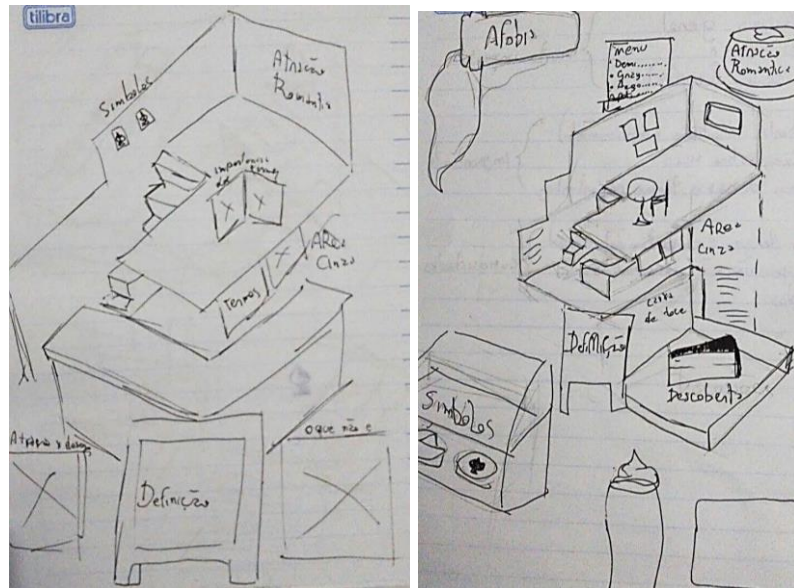


Fonte: Acervo Pessoal

Foram pensadas formas de apresentar mais ambientes da cafeteria e mais texto, porém, sem perspectiva, para haver destaque. Os esboços pareciam promissores, porém a

aplicação acabou por ficar funcional e estática demais. A forma não fazia interação própria com o conteúdo, e a quantidade de texto se mostrou um problema, precisando ser resumido a parágrafos curtos para se ajustar à imagem. A evolução, considerando o começo, foi boa, porém ainda precisava ser trabalhada para maior fluidez de leitura e hierarquização de informações.

Figura 23 - Esboços 2



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 24 - Tentativas 2



Fonte: Acervo Pessoal

4.6.2 Cartografia definitiva

Trabalhar com esboços se mostrou uma atividade efetiva para definir elementos visuais, porém, ao se tratar da diagramação de texto, a noção não ficava clara, especialmente na tentativa de fazer composições tipográficas. Então, se baseando em imagens onde os ambientes em perspectiva isométrica não se encontravam necessariamente em cubos, começou-se a trabalhar a ideia de ambientes e elementos separados, momentaneamente se priorizando a disposição de imagem, e deixando o texto de forma grosseira para se ter noção de diagramação.

Figura 25 - Esboço e Tentativa 3



Fonte: Acervo Pessoal

Então, para incrementar a noção de espaço, foi utilizado um fundo com textura, na intenção de ter melhor noção da disposição de elementos. Os ambientes em perspectiva isométrica já construídos foram aproveitados para informações complementares, e o texto foi trabalhado com destaque em palavras específicas, aumentando o peso tipográfico para isso. Além de que, molduras baseadas em *chalkboards* foram utilizadas para caixas de texto auxiliar. *Chalkboard* pode ser traduzido literalmente como quadro de giz, mas podem ser paredes,

placas, ou impressos que dão a ideia de pintura/escrita em giz, muito populares em cafeterias como decoração. As famílias tipográficas escolhidas, em sua maioria, também se baseavam em letras para *chalkboards*. Trabalhar uma composição tipográfica também deu melhor desenvolvimento para a cena em perspectiva.

Figura 26 - Avanço das Alterações



Fonte: Acervo Pessoal

O texto ainda estava em demasia, e com pouco destaque. Para melhorar, os parágrafos foram resumidos, e o tamanho de fonte foi aumentado. Mais ilustrações de comidas de cafeteria foram adicionadas na composição, e a imagem de fundo foi trocada para diminuir a poluição no lado direito. Adicionar o fundo melhorou drasticamente o caráter visual e emocional da cartografia. O contraste dos textos em relação ao fundo foi melhorado com caixas de gradiente, que escureciam apenas onde havia texto. Apesar de ainda ser necessário trabalhar a compreensão da assexualidade, destacando os principais conceitos, nesse ponto a cartografia necessitava apenas de ajustes, como aplicação de textura e padronização das molduras, chegando enfim a uma forma definitiva.

Figura 27 - Avanço das Alterações 2



Fonte: Acervo Pessoal

As fontes utilizadas estavam apresentando problemas de legibilidade, apesar da estética condizente com o tema, então foi trocada por fontes mais geométricas para não perder o caráter de importância do texto. Além de que, outros elementos decorativos foram adicionados, junto de composições textuais dentro das imagens. Os textos também foram editados para melhor se adequarem à formatação, e adicionar informações relevantes. Nota-se que ainda que se use os gradientes para melhorar o contraste de cor no fundo, o texto ainda possui pouco destaque, o que tornou necessário buscar por opções para maior destaque das caixas de texto. Sendo assim, foram utilizadas imagens de pedaços rasgados de papel, imitando comandas de restaurantes onde são anotados os pedidos e enviados para a cozinha, para textos principais. O papel claro com letras escuras acabou dando maior destaque para os textos principais. Nos textos secundários, foram utilizadas manchas de café derramado, apenas para aumentar o realce do texto. Nos textos complementares foram colocados porta-copos roxos, que se encontra em alguns cafés mais românticos. O contraste de branco com roxo acaba sendo menor que os outros, de forma a ter deixado o texto em menor evidência, servindo a seu propósito.

Figura 28 - Avanço das Alterações 3



Fonte: Acervo Pessoal

A proposta inicial era trabalhar mais de uma cartografia, mas no decorrer do projeto, a segunda foi vista como desnecessária. Assim, foi adicionado uma fatia de bolo para fazer a substituição do *donut* e assim concluir todos os requisitos de projeto. Também foram adicionadas etiquetas com títulos nos textos de informações complementares. Após essas adições, foram trabalhados detalhes e refinamentos, para então concluir a cartografia. Para que não houvesse destaque desnecessário das etiquetas, as mesmas ficaram em um tom escuro acinzentado de vinho, com transparência de camada. Dessa forma, o contraste ficou menor, sem bater de frente com as etiquetas de títulos mais importantes. Os arabescos não podem ser ditos como exatamente necessários, mas o apelo estético que os arabescos garantem às composições tipográficas as evidenciam, logo, havia importância de trabalhar as mesmas.

Figura 29 - Avanço das Alterações 4



Fonte: Acervo Pessoal

4.6.3 Paleta de cores

Foram trabalhadas principalmente as cores da bandeira, fazendo majoritariamente variações de tons de roxo e cinza, e dando destaque a informações em roxo e branco. Também foram adicionados tons de marrom para reforçar a ideia de cafeteria, tanto em bebidas típicas de cafés, como nas comidas e nos detalhes de madeira das placas.

Figura 30 - Paleta de cores



Fonte: Acervo Pessoal

4.6.4 Fontes Utilizadas

Algumas das fontes utilizadas foram escolhidas por sua similaridade com letras escritas a mão com giz, outras por sua coerência com o contexto em que seria aplicada, e a grande maioria foi escolhida por ter sinais, acentos e pontuações.

- A fonte **KG No Regrets Sketch** foi utilizada para títulos importantes, os que estavam dentro de placas, inspiradas em placas reais de produtos de cafeterias.
- A fonte **Rabelo** foi utilizada para texto principal. Nos parágrafos em que a mesma aparece foram compostas ilustrações de pedaços de papel, simulando comandas de pedidos que podem ser encontradas em restaurantes e lanchonetes, de forma a ter mais destaque em relação ao fundo. Essa fonte faz uso do estilo geométrico. Por questões conceituais e estéticas, os parágrafos adotaram uma disposição fluida, e para evitar quebra no ritmo de leitura, foi necessária a diminuição da entrelinha. Outra razão para a escolha da fonte, é que a mesma possui ascendentes e descendentes curtas, de forma a não haver problemas com a redução da entrelinha. Além disso, por ser sem serifa, facilita o destaque da fonte em relação às outras.
- A fonte **Roundo** foi utilizada em parágrafos de texto auxiliar ou complementar, ou seja, nas partes com um nível menor de importância, apesar de necessárias para a compreensão dos conteúdos. Também é uma fonte que usa estilo manuscrito, porém é mais sóbria e formal que a *Tem Thousand Reasons*.
- A fonte **We are in Love (Heartless)** compôs textos complementares mais relativos a curiosidades que aos conceitos propriamente ditos. A cor do texto foi de um cinza 10% mais escuro em relação ao texto utilizado nos outros blocos, pois assim teria menos contraste e menos destaque.
- A fonte **Foglihten** foi utilizada em caixas de texto com curiosidades e comentários relevantes para completar o raciocínio dos conceitos.
- A fonte **Spooky Halloween** foi utilizada em composições tipográficas dentro das imagens de comidas, com frases comumente utilizadas na comunidade assexual.

- As fontes KG Second Chances Sketch e CHAWP foram utilizadas como fontes adicionais em detalhes de composições, e as fontes Chalk Hand Lettering Shaded, KG Ten Thousand Reasons e Café Françoise foram utilizadas na composição tipográfica da definição da assexualidade, junto das fontes We are in Love (Heartless) e a KG No Regrets Sketch, que foram repetidas.

4.7 Cartografia Concluída

A cartografia definitiva foi um resultado sucinto de todo o levantamento da pesquisa. Algumas questões acabaram por ficar de fora, para que fosse possível se prezar para a qualidade, não quantidade da informação. Considerando que as respostas principais das perguntas mais frequentes foram apresentadas, não há razões para tentar acrescentar informações que poderiam ser exagero. Próximo ao final da pesquisa, em outro debate informal, um dos membros da comunidade disse que o que o atrapalhou no processo de autodescoberta foi encontrar conteúdo e nomenclaturas para tudo, menos para o que estava procurando na época. O que foi trazido na pesquisa como conteúdo poderá eventualmente levar algum retorno à comunidade, mas no foco do presente trabalho, a primeira cartografia já cumpre os objetivos e metas estabelecidos previamente.

As questões abordadas na segunda seriam: afobia, símbolos da comunidade e participação na comunidade LGBTQ+. Tais temas foram considerados descartáveis por ainda terem a relevância discutida com frequência na comunidade, normalmente sendo preteridos como pautas de urgência (excetuando a participação da comunidade assexual no meio LGBTQ+, porém tal participação não possui consenso de nenhuma das comunidades).

Trazer assuntos com relevância menor para a autodescoberta é um problema comumente enfrentado na comunidade por aqueles que estão tendo um primeiro contato, e já não bastasse a quantidade de termos relevantes só para entender a definição, o acréscimo de outras discussões que ainda não são totalmente admitidas resultaria em exagero.

Figura 31 - Cartografia Pronta



Fonte: Acervo Pessoal

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A peça concluída, após todos os ajustes necessários se mostrou completa no que diz respeito aos conhecimentos considerados a base para se compreender a assexualidade. Trazendo em foco a definição, e mostrando os conceitos sobre área cinza e atração romântica, é possível afirmar que o conteúdo se mostra o suficiente para compreender a assexualidade como uma orientação/identidade sexual, mesmo que de forma superficial, já que sana as dúvidas mais comuns de quem está em processo de descoberta.

A aplicação de cores e o reforço dos elementos visuais se mostrou um desafio no começo, porém, com a utilização de texturas, foi possível trabalhar bem, dentro do conceito definido. A variação tonal dentro da mesma proposta de paleta pode ser enorme, dependendo de como a mesma é empregada. A experimentação gráfica, especialmente em aplicações de composições com tipografias é necessária para resultados visuais, mesmo normalmente não sendo planejada como etapa projetual. Entender a fase experimental como parte da produção poderia ter otimizado o tempo gasto até o resultado final, e assim se observa a importância de ver o projeto no todo como um processo, ainda mais se considerando uma cartografia.

O método cartográfico, no geral, envolve processos. Os processos estão desde a definição do percurso metodológico, que pode ser definido apenas parcialmente, a considerar que no método uma etapa se mostra dependente da outra. No presente trabalho, os resultados das formas de levantamento mostravam falhas e acertos que apontavam para maneiras de conseguir refinamento das ideias. A mesma coisa acontece na produção da peça gráfica. A cartografia como método, pode ser considerada todas as etapas, desde a identificação do problema, os levantamentos e o resultado. No design, a mesma é a reflexão visual resultante desse percurso, e a execução gráfica se mostra como algo progressivo. Mesmo com esboços e *grids* iniciais, a experimentação visual se fez necessária. Testes com alturas e tonalidades de cores, entrelinhas e formatos de imagem, fora a construção do texto propriamente dito, acabaram sendo indispensáveis para um resultado adequado. O tamanho do texto não precisa se relacionar diretamente com a qualidade do conteúdo, e as imagens que fazem a composição do todo poderiam ter, além de caráter funcional, função estética de enriquecimento do conceito. Essas relações de imagem e conteúdo, forma e significado, também, dependendo do caso, podem ser estruturadas de acordo com a forma que o projeto anda, com informações novas que

são adicionadas, ou conforme as necessidades não percebidas antes forem surgindo. Dessa forma, é importante salientar a importância de metodologias que sirvam para situações em que mesmo as conclusões de uma pesquisa sejam subjetivas.

Cardoso (2012, p.23) fala sobre como “os designers precisam se libertar do legado profissional que os estimula a trabalharem isoladamente”. Tal afirmação pode se referir tanto a possibilidade de os designers trabalharem em equipe tanto com outros designers, quanto com o público ao qual se direcionam as soluções projetadas. A participação em campo, a compreensão de outra perspectiva que vai além dos conhecimentos técnicos e teóricos. O autor conclui dizendo que “No mundo complexo em que vivemos, as melhores soluções costumam vir do trabalho em equipe e em redes”. A atuação colaborativa do designer estando dentro da comunidade gera bons frutos. Não se falando só em resultados, que de fato se tornam melhor apurados e mais coerentes com o que se espera e o que se precisa, mas da experiência proporcionada por tais metodologias como um todo.

REFERÊNCIAS

- ABCMED, 2011. **Frigidez feminina. O que é?**. Disponível em:
<<http://www.abc.med.br/p/saude-da-mulher/234630/frigidez+feminina+o+que+e.htm>>.
Acesso em: 10 de maio de 2018.
- AMARAL, A ; NATAL, G; VIANA, L. Netnografia como Aporte Metodológico da Pesquisa em Comunicação Digital. **Cadernos da Escola de Comunicação**, Curitiba, v. 06, p. 1-12, jan. 2008. Disponível em:
<<http://revistas.unibrasil.com.br/cadernoscomunicacao/index.php/comunicacao/article/viewFile/60/59>>. Acesso em: 24 out. 2017.
- AMBROSE, G.; HARRIS, P. **Fundamentos de Design Criativo**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012. 192p.
- BARROS, L.; KASTRUP, V. Pista 3: Cartografar é Acompanhar Processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. **Pistas do Método da Cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207p.
- CARDOSO, E. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. 264p.
- COLOQUIO NACIONAL DE DESIGN, 2., 2013, Belo Horizonte: **Anais Eletrônicos**. Florianópolis: ISBN: 978-85-62578-36-6. 2013, 8p.
- COSTA, C. **A de Assexual: Entendendo a assexualidade humana**. São Paulo, 2016. 79p.
- COSTARD, M.; IBARRA, M. C.; ANASTASSAKIS, Z. **Design Anthropology na transformação colaborativa de espaços públicos**. Estudos em Design. Rio de Janeiro: v. 24, n.3, p. 76 – 87, 2016.
- FONTANA, I. M.; HEEMANN, A.; GOMES FERREIRA, M. G. **Design colaborativo: fatores críticos para o sucesso do co-design**. In: Anais do 4o Congresso Sulamericano de Design de Interação. São Paulo. 2012. p. 371-382.
- GUNN, W.; OTTO, T.; SMITH, R. C. **Design anthropology: theory and practice**. Londres: Bloomsbury Academic, 2013. 256p.
- HEEMANN, A.; LIMA, P. J. V.; CORRÊA, J. S. **Compreendendo a colaboração em design de produto**. Actas de Diseño. Facultad de Diseño y Comunicación. Universidad de Palermo. ISSN, v. 1850, p. 2032, 1850.
- LUPTON, E. **Novos Fundamentos do Design**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. 248p.
- MANZINI, E. **Design in a changing, connected world**. Strategic Design Research Journal, v. 7, n. 2, 2014.
- MATIAS, L. **Por uma Cartografia Geográfica - Uma Análise da Representação Gráfica na Geografia**. 1996. 476f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

MORAES, D. d. **Metaprojeto como modelo projetual**. Strategic Design Research Journal, v. 3, n. 2, maio-agosto 2010. P. 62-68.i8-0

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005. 120p.

NORONHA, R. **Identidade é valor: as cadeias produtivas do artesanato de Alcântara**. São Luís: Edufma, 2011. 130p.

OLIVEIRA, E. Assexualidade e medicalização na mídia televisiva norte-americana. In: VIEIRA, Tereza Rodrigues (Org.). **Minorias sexuais: direitos e preconceitos**. Brasília: Consulex, 2012.

_____. **Saindo do armário: a assexualidade na perspectiva da AVEN – “Asexual Visibility and Education Network”**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10, Florianópolis, 2013. Anais eletrônicos. Florianópolis, 2013, p. 1-10.

_____. **“Minha Vida de Ameba”: Os Scripts Sexonormativos e a Construção Social das Assexualidades na Internet e a Escola**. 2014. 225 f. Tese (Doutorado em Sociologia da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

PASSOS, E.; KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. **Pistas do Método da Cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207p.

SAMARA, T. **Grid: Construção e Desconstrução**. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 208p.

SCHLEMMER, E. **Gamificação em Espaços de Convivência Híbridos e Multimodais: Design e cognição em discussão**. [Editorial]. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 23, n. 42, p. 73-89, jul./dez. 2014.

SIMIELLI, Maria E. R. **O mapa como meio de comunicação - Implicações no ensino de geografia do 1 o. grau**. 1986, 205p. Tese (Doutorado). FFLCH/USP, São Paulo, 1986.

SOUZA, C. **Celibato**. Disponível em:
<<https://www.infoescola.com/comportamento/celibato/>> Acesso em 10 de maio de 2018.

SOUZA FILHO, B; NORONHA, R; SANTOS, Camila A. d. **Design Etnográfico: uma proposta metodológica**. 2007. 8p. Trabalho final do Curso de Design. UFMA, São Luís, 2007.

SZANIECKI, B. **Design em comunidades sob UPPs no Rio de Janeiro**. Anais do 10º Colóquio Internacional de Design: Design para os povos. Belo Horizonte: UEMG, 2013. 173-185p.

PIRES, E. ASSEXUAIS EXISTEM, 2017. Disponível em:
<http://www.ssexbbo.com/2017/05/assexualidade-fora-da-caixa-e-do-armario/>. Acesso em: 04/11/2017.

APÊNDICE A - Questionário Objetivo

Qual sua idade?

- Menor de 15
- 15-18
- 19-21
- 2-25
- 26-30
- Mais de 30

Em qual estado você mora?

Com qual gênero você se identifica?

- Gênero Masculino
- Gênero Feminino
- Não-binária
- Outro

Sobre gênero, você é:

- Cisgênero
- Transgênero Binária
- Transgênero Não-binária
- Outro

Qual sua Orientação Assexual?

- Assexual estrita
- Demisssexual
- Gray-a
- Lithossexual
- Frayssexual
- Aceflux (Assexual Fluide)
- Outro: _____

Qual sua orientação Romântica?

- Heterorromântica
- Homorromântica
- Birromântica
- Panromântica
- Arromântica
- Outro: _____

Por que meio(s) você descobriu a assexualidade? (Pode selecionar mais de um)

- Matérias/reportagens na TV
- Matérias/reportagens online
- Livros ou revistas
- Amigos e/ou conhecidos
- Redes sociais (twitter, facebook, etc.)
- Blogs ou fóruns
- Outro: _____

Você já passou por alguma situação de Acefobia?

- Sim
- Não

Se sim na anterior, pode dizer como foi?

Com que idade você se descobriu assexual?

- Menos de 15 anos
- 15-18
- 19-21
- 22-25
- 26-29
- 30 ou mais

Você se assumiu publicamente como assexual (saiu do armário)?

- Sim
- Não

Sua família sabe sobre sua orientação?

- Sim
- Não

Foi difícil aceitar sua orientação?

- Sim
- Não

Você se considera parte da comunidade LGBTQ+?

- Sim
- Não
- Outro: _____

Com qual orientação você se identificava antes de se descobrir assexual?

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Panssexual
- Sempre se identificou como assexual
- Outro: _____

Como você se considera com relação ao ato sexual?

- Sexo positivo (não tem nada contra o sexo, mesmo sem interesse na prática)
- Sexo indiferente (indiferente com relação ao sexo)
- Sexo repulsivo (tem aversão ao sexo e à prática sexual de um modo geral)
- Prefiro não responder/não sei responder

Como você define a assexualidade?

Algum comentário, crítica, sugestão, elogio, recadinho ou algo a ser considerado ?

APÊNDICE B - Questionário Subjetivo

Para você, como a assexualidade pode ser definida?

O que você pode falar sobre relacionamentos?

Na sua opinião, o que NÃO é a assexualidade?

Qual sua visão da assexualidade em relação ao movimento LGBT?

O que você pode dizer sobre a chamada Acebofia?

Como você vê a atual estrutura da comunidade assexual, e qual sua opinião sobre a visibilidade atualmente?

O que você sabe sobre atração romântica?

Diga algo que pode ser um incômodo ligado diretamente à sua Assexualidade:

O que você relaciona à assexualidade VISUALMENTE? (pode ser qualquer tipo de imagem)

Alguma consideração, observação ou comentário que você ache importante?

Se quiser se identificar, coloque o nominho aqui ♥

APÊNDICE C - Roteiro da Entrevista

O que é a assexualidade para você?

E o que não é assexualidade?

O que você pensa sobre a comunidade LGBT?

O que você pode falar sobre orientação romântica?

Como é um relacionamento romântico na sua perspectiva, sendo assexual?

O que você pode falar sobre Acefobia?

Tem alguma coisa que te incomoda por ser assexual?

Na sociedade tem alguma coisa que te incomoda em relação à assexualidade?

Como você se descobriu?

Como você explicaria a assexualidade para uma pessoa que ainda não se descobriu?

O que você acha que visualmente não pode faltar em um projeto gráfico sobre assexualidade?